

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

ANGÉLICA BATISTA BARBOSA

A MORAL DA AMBIGUIDADE SEGUNDO SIMONE DE BEAUVOIR

JOÃO PESSOA
2019

A MORAL DA AMBIGUIDADE SEGUNDO SIMONE DE BEAUVOIR

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Filosofia
da Universidade Federal da Paraíba como
requisito parcial para a obtenção do título
de Mestre em Filosofia.

Linha de Pesquisa: Ética e Filosofia
Política.

JOÃO PESSOA

2019

ANGÉLICA BATISTA BARBOSA

A MORAL DA AMBIGUIDADE SEGUNDO SIMONE DE BEAUVOIR

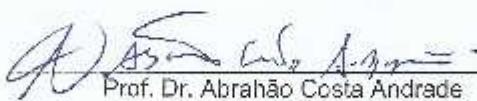
Dissertação apresentada a Universidade Federal da Paraíba, como parte das exigências para a obtenção do título de mestre em Filosofia.

João Pessoa, 26 de Setembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Marconi Pimentel Pequeno
Orientador - UFPB


Prof. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira
Examinador Externo - UEPB


Prof. Dr. Abrahão Costa Andrade
Examinador Interno - UFPB

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

B238m Barbosa, Angelica Batista.
A MORAL DA AMBIGUIDADE SEGUNDO SIMONE DE BEAUVOIR /
Angelica Batista Barbosa. - João Pessoa, 2019.
69f.

Orientação: Marconi Pimentel Pequeno.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Existencialismo; Moral; Ambiguidade. I. Pequeno,
Marconi Pimentel. II. Título.

UFPB/CCHLA

A liberdade é a fonte de que surgem todas as significações e todos os valores; ela é a condição original de toda justificação da existência; o homem que busca justificar sua vida deve querer antes de tudo e absolutamente a própria liberdade: ao mesmo tempo que ela exige a realização de fins concretos, de projetos singulares, ela se exige universalmente. (BEAUVIOR, 2005, p. 26).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as mulheres que construíram e constroem diariamente a história da humanidade, cada uma com sua contribuição individual, todas que foram silenciadas, humilhadas, queimadas, mortas apenas pelo fato de serem diferentes e almejarem ser tratadas como seres humanos.

Agradeço em especial aquelas que fizeram parte da minha história de vida, que contribuíram e contribuem com a minha formação. Dentre elas destaco a minha mãe, maior exemplo da minha vida, a quem agradeço por ter escolhido me trazer ao mundo, e por todos os ensinamentos que me trouxe, mesmo que de modo intuitivo. Mulher forte, guerreira, a frente de seu tempo, dona de uma personalidade forte e amável, para muitos pode ser apenas mais uma anônima, mas para aqueles que a conheceram será sempre um exemplo de resistência e de força. Força essa que carrega da ancestralidade e principalmente de dona Nena, minha avó, outra mulher fortíssima a quem devo muito.

Agradeço as minhas tias, primas, minha irmã Adriana e minhas sobrinhas Ivilly e Nívea que continuam diariamente construindo suas histórias cada uma com suas particularidades.

A Maria Camelo por todas as contribuições e por todo o amor e carinho que sempre me dedicou ao me adotar como neta postiça.

A todas as minhas amigas que compartilham suas existências comigo e com as quais aprendo diariamente, em especial minha amiga e vizinha Massilene Fernandes que nunca me deixou faltar chá e companhia nos momentos mais necessários e minha companhia durante a caminhada e correria do mestrado Valkíria Melo, com a qual sempre compartilhei projetos.

Agradeço a Carla Medeiros por tudo que tem me ensinado desde o momento que nossas existências se cruzaram, pelo suporte espiritual e emocional durante essa caminhada.

Agradeço a Simone Marinho, pelo incentivo, apoio, por suas contribuições e por me deixar fazer parte desse projeto tão maravilhoso de espalhar o conhecimento sobre essas mulheres incríveis que estudamos.

Agradeço ao batalhão feminino do Céu da Campina, onde eu encontro força, firmeza e amor, em especial a nossa comandante suprema, a virgem da Conceição.

À Marconi Pequeno, meu orientador, por ter aceitado o meu projeto e por todo o aprendizado que me proporcionou durante todo esse processo.

À Abrahão Andrade por ter aceitado prontamente participar da minha banca e por todas as contribuições e direcionamentos que me proporcionou.

RESUMO

A filósofa francesa Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir (1908-1986) é tida como uma mera partidária das ideias filosóficas de Sartre. No entanto, basta darmos uma pequena folheada em um de seus romances, como por exemplo: *A Convidada* ou *O sangue dos outros*, que percebemos como os mesmos estão carregados de conceitos filosóficos concernentes ao existencialismo e, principalmente, todos apresentam caráter moral. Não apenas seus romances, mas a sua obra, em geral, apresenta esse mesmo fio condutor. Com base nessas constatações pretendemos demonstrar como se revela uma moral da ambiguidade. Assim analisaremos em um primeiro momento, o ensaio *Pirro e Cinéias* no qual fica clara a tentativa de Beauvoir de elucidar a motivação da ação humana. Em seguida, em *O sangue dos outros*, ela questiona sobre o sentido da vida, o papel que ocupamos no mundo e o impacto que nossas ações provocam em outrem. Por fim, a obra que servirá de base à nossa investigação *Por uma moral da ambiguidade*, que trata das questões que envolvem a ambiguidade humana, o ponto de partida da construção de sua moral. E para finalizarmos, mostraremos como essas noções que foram apresentadas nas referidas obras se encontram presentes no ensaio *O segundo sexo*.

Palavras-chave: Existencialismo; Moral; Ambiguidade.

ABSTRACT

French philosopher Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir (1908-1986) is regarded as a mere supporter of Sartre's philosophical ideas. However, it is enough to give a little leaf through one of his novels, for example: The invited or The Blood of Others, which we perceive as they are loaded with philosophical concepts concerning existentialism and, above all, all have moral character. Not only his novels, but his work, in general, has this same thread. Based on these findings, we intend to demonstrate how a moral ambiguity is revealed. Thus we will first analyze the essay Pyrrho and Cineas, in which Beauvoir's attempt to elucidate the motivation of human action is clear. Then, in The Blood of Others, she questions the meaning of life, the role we play in the world, and the impact our actions have on others. Finally, the work that will underlie our investigation For a moral of ambiguity, which addresses the issues surrounding human ambiguity, the starting point of the construction of its moral. Finally, we will show how these notions that were presented in these works are present in the essay The Second Sex.

Keywords: Existentialism; Moral; Ambiguity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
A CONTRIBUIÇÃO DE SIMONE DE BEAUVOIR AO PENSAMENTO EXISTENCIALISTA	12
1.1 Natureza humana versus condição humana: contribuições do existencialismo ateu.....	12
1.2 A presença de uma reflexão moral no pensamento de Simone de Beauvoir	18
1.3 O problema moral em <i>Pirro E Cinéias</i>	20
1.4 <i>O Sangue Dos Outros</i> e o problema do engajamento.....	26
A AMBIGUIDADE E OS DESAFIOS DA CONDIÇÃO HUMANA.....	32
2.1 conversão existencial	32
2.2 Autenticidade e má-fé	36
2.3 O espírito de seriedade e o alcance da liberdade	41
UMA MORAL DA AUTORESPONSABILIDADE.....	50
3.1 A responsabilidade individual afeta outrem	50
3.2 Liberdade libertadora	52
3.3 A libertação da mulher e o feminismo	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65

INTRODUÇÃO

A filósofa francesa Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir (1908-1986) é uma personalidade que carrega consigo muitas polêmicas, entre elas, vale salientar, o fato de o mundo acadêmico, por muito tempo, evitar aceitá-la como filósofa. Grande parte dessa distorção histórica e cultural deve-se ao fato de a grande maioria de suas publicações é constituída de romances e memórias. Além do que, sua figura está diretamente vinculada ao movimento feminista, devido ao alcance do ensaio *O Segundo Sexo*¹, publicado originalmente em 1949, o qual contém temas precursores da segunda onda do referido movimento. Todavia, este não foi o único ensaio filosófico por ela escrito; embora os demais não tenham obtido a mesma amplitude e sucesso. Com efeito: *O existencialismo e a sabedoria das nações*, *Pirro e Cinéias*, *Por uma moral da ambiguidade*, por exemplo, são obras que revelam o aspecto mais filosófico de sua vasta produção.

Isso a coloca em um lugar diferenciado, pois a torna uma filósofa-escritora.² A paixão pela literatura se deu ainda em sua mais tenra infância, o que fica claro ao estudarmos as suas memórias. Beauvoir narra o início dessa relação que perdurou durante toda a sua existência e o fascínio que as palavras exerciam sobre ela mesma, como podemos notar no seguinte excerto:

[...] os livros alargavam-me o horizonte. Demais, encantava-me como um neófito da feitiçaria que transforma sinais impressos em narrativas. Tive o desejo de inverter a mágica. Sentada diante de uma mesinha, decalquei, no papel, frases que serpenteavam em minha cabeça: a folha branca cobria-se de manchas violeta que contavam uma história. Ao redor de mim, o silêncio fazia-se solene; parecia-me que estava oficiando. (BEAUVIOR, 1958, p.50)

A narrativa descreve o momento no qual a filósofa escreveu a sua “primeira obra”. Os livros que ela lia serviam de modelos para as suas histórias, as quais Beauvoir apresentava com orgulho para seus familiares e amigos. Desse modo nasce uma escritora que, posteriormente, introduz e discute os conceitos filosóficos

¹A obra é constituída de dois volumes, a saber: “Fatos e Mitos” e “A Experiência Vivida”, no primeiro como o próprio título sugere, a autora trata de desmistificar os fatos e mitos que afirmam a existência de uma essência feminina e, no segundo, é demonstrada a forma como o papel da mulher foi construído ao longo da história.

² Termo utilizado por Viana (2018) em seus textos para caracterizar o fato de que Beauvoir é sim uma escritora, mas que seus escritos são permeados pela sua filosofia. Cf. *A literatura e a filosofia de Simone de Beauvoir*. Também tratam desse tema Teixeira (2017) e Calado (2011).

em suas narrativas, independentemente do gênero literário, atividade esta sempre realizada com maestria. Isso lhe garantiu um largo reconhecimento de público e crítica, a exemplo do prêmio *Goncourt* ganho em 1954 pelo romance *Os Mandarins*, o qual retrata o pós-guerra na França e os impasses vividos pelos heróis da resistência.

Simone Beauvoir, juntamente com Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty, compôs a tríade de maior destaque dentro do movimento existencialista, inclusive chegaram a fundar, em 1945, uma revista, *Les temps modernes*, na qual expunham suas ideias e conclamavam os intelectuais do seu tempo ao engajamento político. Tal movimento se estabeleceu na França após o término da Segunda Guerra Mundial e se difundiu pelo mundo inteiro. Diante de todo o caos vivenciado naquele período, o existencialismo surgiu como um grito de rebeldia, tendo, inclusive, de acordo com Penha (2001, p. 9), sido acusado pelo papa Pio XII de ser uma das maiores ameaças à fé cristã. Contudo, a grande característica observada no movimento é sua atenção conferida à condição humana. Assim, enquanto a tradição metafísico-religiosa cultuava um Deus perfeito, como podemos citar o exemplo de Santo Agostinho³ que afirma a providência, a onisciência e a onipotência divinas, o que, consequentemente, atribui a Este o controle de tudo que ocorre no mundo, o existencialismo faz emergir o homem contingente, repleto de imperfeições e ambiguidades.

De fato, tal corrente filosófica tem como premissa a fórmula sartriana segundo a qual “a existência precede a essência”. Com isso, nega-se toda a metafísica e coloca-se nas mãos do homem a responsabilidade por todos os seus atos. Isso o liberta de todo o determinismo, livrando-o das mãos de um Deus que o faria agir conforme sua vontade. A partir daí, o homem deixa de ser um fantoche nas mãos de uma força transcendente e passa a se impor, como um ser finito que julga e escolhe livremente a maneira de se conduzir no mundo. Essas ideias foram responsáveis pela maioria das ameaças sofridas pelos seus autores e adeptos em razão de suas críticas lançadas contra as crenças e à moral tradicional. No entanto, eles não são imorais ou amorais, pois apenas demonstram que existem outras possibilidades

³ Um dos maiores expoentes da filosofia medieval defendia que Deus é bom e, se o mundo é criado e governado por Ele, não haveria espaço para o mal e este seria apenas a ausência do bem. (De ord. I, 6,16). Vale salientar que: “A história da filosofia medieval não é a história da filosofia cristã. É a história da filosofia pagã e dos três monoteísmos dos quais foi instrumento dócil ou indócil, parceira ou concorrente. É a história de povos diferentes e línguas diversas, uma história de família (s), de alianças e heranças, de capturas e furtos, de violências e tréguas.” (LIBERA, 1998, p.47)

para a conduta humana e que todas elas partem do próprio homem, e não de algo exterior a este, como veremos adiante, no primeiro capítulo.

Ao inverter os papéis e dar ao homem a autonomia e o poder sobre sua existência, o existencialismo é acusado de enaltecer o lado fracassado do indivíduo. Dado que Deus é perfeito e eterno e o homem imperfeito e finito, vem à tona a ambiguidade⁴ inerente à realidade humana. Deus é expressão da totalidade perfeita, enquanto o homem nada é, porém ele carrega consigo o desejo de tornar-se algo e é isso que move suas ações. Desse modo, o querer-ser insere o homem no campo das ações e, portanto, em uma moralidade, no sentido de que a liberdade de ação do sujeito é que norteará as suas escolhas. Uma moral pautada em determinismos é, então, substituída por uma moral baseada na liberdade, sendo esta última tida como algo constitutivo da sua condição.

Um exame detido das obras de Beauvoir nos leva a encontrar o elo que as une, a saber: a moralidade. Diante dessa constatação, temos por objetivo demonstrar como o problema da moralidade se dissemina no conjunto de sua obra. Para tanto, foram escolhidas, dentre suas inúmeras publicações, algumas que parecem evidenciar a existência do fio condutor que nos norteará para que, ao concluir a pesquisa, possamos saber se há realmente a possibilidade da existência de uma moral da ambiguidade humana no pensamento da referida autora. Ademais, moral e engajamento político caminham lado a lado na obra beauvoiriana, pois, como podemos perceber:

Seus romances – especialmente *A Convidada* e *Os Mandarins* – são indisfarçavelmente auto-biográficos. Neles a dimensão subjetiva se articula com a política, ainda que em uma forma particular, para alguns, justaposta. Se “não houvesse o pano de fundo histórico da guerra e da Resistência, suas personagens pareceriam flutuar no vazio, sóis, em um mundo privado de outros indivíduos cuja concepção pessoal, e talvez diferente, da liberdade arriscaria contrariar a sua. No mundo que ela descreve, a liberdade individual e as considerações sociais, sem falar dos condicionamentos, não querem dizer nada para o indivíduo e não o afetam. (BAIR, 1997, apud GARCIA, 1999, p. 81)

Nessa perspectiva, no primeiro capítulo, faremos a apresentação da corrente filosófica seguida pela autora, destacando as diferenças mais relevantes entre o

⁴ Para Beauvoir e Merleu-Ponty, a ambiguidade caracteriza a nossa existência e envolve uma indeterminação irredutível e múltiplas significações e aspectos. Podemos notar a diferença com Sartre, pois ela enfatiza o apego, alegria e um vínculo positivo com o outro, enquanto Sartre, destaca o desenraizamento, a náusea e os conflitos com os outros. (LANGER, 2006, p. 87, tradução nossa)

existencialismo cristão e o ateu. Da mesma forma, destacamos o conteúdo de um romance do início de sua carreira que traz em si questões de cunho moral, a saber; *O sangue dos outros*, no qual somos levados a refletir acerca de dilemas vivenciados por um grupo de jovens franceses que relacionam liberdade, responsabilidade e engajamento político. Nessa perspectiva, discorremos também sobre um de seus ensaios, *Pirro e Cinéias*, no qual ela questiona sobre o que motiva as ações humanas. Partindo de um diálogo que se dá entre os personagens-título do ensaio, a autora discute as noções de *escolha*, *situação*, *projeto*, entre outras, as quais são necessárias para a compreensão de seu arcabouço teórico.

No segundo capítulo, apresentaremos a questão da ambiguidade a fim de demonstrar como esta se relaciona com a moralidade. Para tanto, se faz necessário realizar a distinção entre autenticidade e inautenticidade, o que nos leva a compreender o homem que assume a sua liberdade, contrariamente àquele que a rejeita, e as nuances que se revelam por meio de certos comportamentos que reconhecemos claramente nas pessoas reais de nosso convívio e até em nós mesmos.

Em seguida, no terceiro capítulo, trataremos do modo como a situação ambígua do homem influencia na sua conduta moral. O homem autêntico é aquele que ultrapassa a espontaneidade de sua condição, assume sua liberdade e, por conseguinte, decide agir moralmente. Ora, percebemos que o homem não está sozinho no mundo, pois, diante dele, existe o outro e, quando assume a sua liberdade, ele, consequentemente, deseja o mesmo para os demais. Eis o que Beauvoir denomina de “liberdade libertadora”. Com efeito,

[...] o homem é homem através de situações cuja singularidade é precisamente um fato universal. Há homens que esperam ajuda de certos homens e não de outros, e essas esperas definem linhas de ação privilegiadas. Convém que o negro lute pelo negro, o judeu pelo judeu, o proletário pelo proletário, o espanhol na Espanha. É preciso apenas que a afirmação dessas solidariedades singulares não contradiga a vontade de uma solidariedade universal e que cada empreendimento finito esteja também aberto para a totalidade dos homens. (BEAUVOIR, 2005b, p. 116-117).

Em face do caráter próprio da sua liberdade, o homem não fica isolado em uma interioridade estéril, mas sim sente a necessidade de fazer com que a autenticidade alcance toda a humanidade. E, por fim, investigaremos o que vem a

ser uma moral da ambiguidade e, sendo ambígua se ela poderia ainda constituir uma moral.

1 A CONTRIBUIÇÃO DE SIMONE DE BEAUVOIR AO PENSAMENTO EXISTENCIALISTA.

Neste capítulo, faremos a apresentação da corrente filosófica seguida pela autora, destacando as diferenças mais relevantes entre o existencialismo cristão e o ateu. O que facilitará a compreensão do contexto histórico no qual a mesma estava inserida. Da mesma forma, destacamos o conteúdo de um romance do início de sua carreira que traz em si questões de cunho moral, a saber: *O sangue dos outros*, no qual somos levados a refletir acerca dos dilemas vivenciados por um grupo de jovens franceses que relacionam liberdade, responsabilidade e engajamento político. Nessa perspectiva, discorremos também sobre um de seus ensaios, *Pirro e Cinéias*, no qual ela questiona sobre o que motiva as ações humanas. Partindo de um diálogo que se dá entre os personagens-título do ensaio, a autora discute as noções de *escolha*, *situação*, *projeto*, entre outras, as quais são necessárias para a compreensão de seu arcabouço teórico.

1.1 Natureza humana versus condição humana: contribuições do existencialismo ateu

O alcance da influência de Simone de Beauvoir para a filosofia contemporânea permanece ainda extremamente subestimado. Isso ocorre, em parte, devido ao seu reconhecimento alcançado na literatura, sobretudo com a publicação de seus romances e de seus textos de caráter memorialista. Além disso, a imagem da escritora é comumente associada a notoriedade que adquiriu no movimento feminista no século XX. Em relação aos dois pontos destacados, parece que tanto o papel de escritora quanto o de uma ativista política são separados de sua criação filosófica.⁵

Outro ponto relevante a se destacar diz respeito a uma espécie de distorção histórica e cultural, a qual, como destaca Ascher (1991), concebe a imagem de Simone de Beauvoir como uma mera partidária das ideias filosóficas de Sartre, de quem seria uma simples coadjuvante e companheira, o que lhe rendeu, por

⁵ Como fica claro no texto de Teixeira (2017), a literatura e a filosofia de Simone de Beauvoir estão intrinsecamente relacionadas.

exemplo, os títulos pejorativos de *Notre Dame Sartre* e *La Grande Sartreuse*. No entanto, a leitura de *A Convidada* ou *O sangue dos outros* revela que tais obras estão repletas de ideias e conceitos filosóficos que gozam de originalidade e brilhantismo, revelando, pois, a independência intelectual da referida autora. Essa distorção histórica deve-se, em grande parte, a uma questão sexista⁶. Ademais, se Simone de Beauvoir não alcançou a mesma projeção de Sartre, isso não significa que ela não tenha contribuído decisivamente para o avanço do movimento existencialista, como veremos a seguir.

O existencialismo francês foi uma corrente filosófica que floresceu no período entre guerras e obteve mais destaque a partir de 1945. Cabe ressaltar que o grande diferencial da referida corrente é o fato de elegerem como centro de suas especulações filosóficas a condição humana e sua situação de liberdade e finitude. Vale salientar a existência de duas correntes existencialistas distintas, a saber: os existencialismos cristãos e ateu. O primeiro defende a noção de que a existência humana possui uma natureza ou essência divina; o segundo, ao contrário, nega a existência de uma essência transcendente e toma o homem como uma realidade contingente e factual⁷. Isso fica claro na seguinte passagem formulada por Beauvoir:

O fato da existência não pode ser estimado, uma vez que é o fato a partir do qual todo princípio de estimação se define; ele não pode ser comparado a nada, pois não há nada fora dele para servir de termo de comparação. Essa recusa de toda justificação extrínseca também confirma a recusa de um pessimismo original que primeiramente colocáramos: uma vez que ela é, de fora, injustificável, declarar a existência, de fora, injustificada não significa condená-la. E, na verdade, fora da existência não há ninguém. O homem existe. Não se trata para ele de se perguntar se sua presença no mundo é útil, se a vida vale a pena ser vivida: são questões destituídas de sentido. Trata-se de saber se ele quer viver e em que condições. (BEAUVIOR, 2005b, p. 19)

Dito de outro modo, o existencialismo ateu não defende a existência de uma “natureza humana”, mas sim de uma “condição humana”. Ademais, afirmar que

⁶ Encontramos o tema do silenciamento das mulheres na filosofia em: GASPAR, Adília Maia. *A Representação das Mulheres no Discurso dos Filósofos: Hume, Rousseau, Kant e Condorcet*. Rio de Janeiro: Uapê SEAF, 2009, p 87

⁷ Em sua conferência *O existencialismo é um humanismo*, Sartre utiliza-se do exemplo do corta-papel para melhor elucidar tal fórmula. Para produzir um corta-papel, é necessário antes que se idealize a função que ele executará, para só então produzi-lo. Da mesma forma, os existencialistas cristãos acreditam que Deus concebeu a ideia de homem e só depois o faz existir. Desse modo, há um determinismo, pois antes mesmo de o homem existir Deus já saberia de antemão como este seria, suas características, o que caracteriza uma “visão técnica do mundo”. Deus seria o arquiteto e o homem sua obra acabada.

existe uma natureza humana significa também aceitar que o homem possui um papel predefinido. Contrário a isso, quando se postula que há uma “condição humana”, isso sugere que o homem é uma realidade indefinida que está constantemente em construção, isto é, um inventar-se permanente. Com efeito, o homem primeiro existe e, só após ser *lançado-no-mundo*, ele dará sentido à sua existência por meio de suas ações. Nesse sentido, ele não é um objeto, uma coisa, algo fixo e acabado, mas sim um ser que se inventa, que se faz a si mesmo. Cabe-nos destacar que o postulado que serve de base para tal concepção filosófica foi cunhado por Jean Paul Sartre, o qual se resume na emblemática frase: “a existência precede a essência”. Eis o que diz o referido autor:

Se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito, e que este ser é o homem, ou como diz Heidegger, a realidade humana. Que significa aqui o dizer-se que a existência precede a essência? Significa que o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo, e que só depois se define. (SARTRE, 1978, p. 6)

Desse modo, já que não existe uma autoridade reguladora, uma autoridade transcendente suprema, o homem tem que escolher por conta própria e assumir a responsabilidade por suas ações. Isso significa que sua conduta moral ou existencial é fruto da liberdade⁸ que é inerente ao seu ser. Com isso, o existencialismo ateu rompe com a tradição metafísica-religiosa sempre pautada em conceitos abstratos e universalistas⁹.

De acordo com tal tradição, como bem sabemos, Deus criou o mundo e tudo o que nele há, colocando ainda o homem como seu representante para reinar sobre os demais seres. Além disso, fez surgir de sua costela uma companheira para que o mesmo não estivesse só. Em face desse ato inaugural, homem e mulher habitariam o “paraíso” e a única exigência seria a de que não comessem o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Porém, certo dia, a serpente, não satisfeita com toda aquela harmonia que havia no mundo, tenta Eva e a faz comer do referido fruto.

⁸ Sobre essa noção de *liberdade*, temos que: “consiste em inventar a possibilidade, a ação e o critério que adotamos. Não existe uma tabela de valores que cada um pode consultar antes de tomar uma decisão; isso seria a renúncia à liberdade ou a escolha da determinação, uma forma inautêntica de existir, decorrente de que, dentre as opções possíveis, está aquela de agir como se fosse livre” (SILVA, 2011, p.122).

⁹Podemos destacar o caso de Santo Agostinho e seus estudos dedicados a noções como “pecado original”, termo cunhado por este, “livre-arbítrio” e “predestinação divina”. Ou até mesmo Kant, cuja noção de “imperativo categórico” que será utilizada pela própria Simone de Beauvoir.

Esta, por sua vez, viu que era bom e o ofereceu ao seu companheiro e os dois passaram a ser detentores do conhecimento e seus olhos se abriram de uma maneira jamais imaginada por eles.

Após o ocorrido, Deus veio visitá-los e, ao ouvirem que alguém se aproximava, eles logo se esconderam, pois perceberam que estavam nus. Ao se apresentarem diante de Deus, eles já estavam com seus corpos cobertos, o que n'Ele despertou a curiosidade em saber o motivo daquela mudança. Adão logo acusou a sua companheira de tê-lo feito provar do fruto proibido, enquanto ela, por sua vez, culpou a serpente por tê-la enganado. Dessa forma, todos se esquivaram da responsabilidade pelos seus atos e culparam outros pelas suas consequências. Eis em que consiste o “pecado original”¹⁰ crença com a qual o existencialismo pretende romper.

Assim, ao devolver ao homem a autonomia de suas ações, o existencialismo rompe com a tradição metafísico-religiosa que confere a Deus a responsabilidade por tudo que ocorre com os seres humanos. Aquilo que Beauvoir denomina “éticas razoáveis e metafísicas consoladoras” sempre atribuíram a uma autoridade metafísica extrínseca ao homem a responsabilidade por suas ações, o que sempre o eximiu de responsabilidade, desse modo, se algo de errado ocorre, a culpa –ou responsabilidade – é de uma instância ou entidade exterior ao sujeito.

Uma das maiores críticas sofridas pelo existencialismo consiste exatamente nessa questão: tornar o homem autônomo. Para muitos pode ser visto como a quebra da bússola moral, instaurando, com isso, o caos nas relações humanas. Em *O existencialismo e a sabedoria das nações*, a própria Simone de Beauvoir defende a referida corrente filosófica dessa e de outras acusações sofridas, com base no seguinte argumento:

No existencialismo, pelo contrário, o eu não existe; eu existo como sujeito autêntico num brotar renovado sem cessar que se opõe à realidade fixa das coisas; lanço-me sem auxílio, sem guia, num mundo que estou de antemão

¹⁰ Termo cunhado por Santo Agostinho para referir-se à queda adâmica e que perpassa sua obra como um todo; conforme o mesmo, este foi a porta de entrada para o mal no mundo. Cf. AGOSTINHO, 1998 e 2005. O existencialismo retoma o tema, porém lhe confere uma nova visão, não teológica como a exemplo de Agostinho e sim filosófica. Encontramos o tema explicitamente na obra de Kierkegaard, o qual mediante o conceito de “angústia”, busca elucidar como o homem é capaz de cometer o pecado e como o mal pode surgir, e ser efetivamente praticado, ou ainda, ele procura mostrar que a natureza humana tem de ser de tal ou qual modo – a saber, livre – para que ela torne o pecado possível (KIERKEGAARD, 2010, p. 24). Nesse sentido é que a ideia de liberdade é, enfim, evocada, de modo a caracterizar todo o gesto de pensamento.

instalado: sou livre, os meus projectos não são definidos por interesses pré-existentes; eles mesmos determinam os seus fins. (BEAUVoir, SD, p. 34-35)

O homem existe a partir do momento que é lançado no mundo, e, quando isso ocorre, ele está sozinho em sua situação de facticidade, sendo de sua responsabilidade tanto suas escolhas, quanto as consequências das mesmas. A existência do sujeito se confunde com a liberdade¹¹ que lhe é inerente. Ou, como nos diz a fórmula sartriana: “o homem está condenado a ser livre” (SARTRE, 1978, p. 9)¹². E um pouco mais à frente assevera:

Ele não condena o homem a uma miséria irremediável; se o homem não é naturalmente bom, não é também naturalmente mau; a princípio, não é nada; cumpre-lhe fazer-se bom ou mau conforme assume a sua liberdade ou a renega; bem e mal surgem para além da natureza, para além de todo dado; por isso se pode descrever a natureza com perfeita imparcialidade; nunca há motivo para aflições, ela não é triste nem alegre, os factos são os factos, nada mais; o que importa é a maneira como o homem supera a sua situação. (BEAUVoir, SD, p. 35-36)

Dito de outro modo, Beauvoir considera que não existe uma natureza humana, haja vista que o sujeito não nasce com características pré-definidas como bondade ou maldade; ele é uma folha em branco e cabe apenas ao mesmo a tarefa de escrever a sua própria história. O homem afirma sua liberdade ao realizar seus projetos. Dessa forma, a liberdade humana carrega consigo a responsabilidade por suas decisões e escolhas, as quais são tomadas dentro de uma situação. O ser humano é um projeto, um constructo de si mesmo. Haja vista que ele é livre para escolher em toda e qualquer situação. A liberdade é uma característica constitutiva do sujeito, um elemento inerente à sua condição de ser-para-si¹³. Portanto, ele se

¹¹ Nas palavras de Bornhein (2007, p.111): [...] “a liberdade não tem essência, instaura-se desprovida de qualquer necessidade lógica. Já nesse sentido, a existência precede e comanda a essência, e todo empenho em demarcar a liberdade torna-se fundamentalmente contraditório, pois a liberdade se explica como fundamento de todas as essências. Não se trata, portanto, de uma propriedade ou de uma tendência acrescida à minha natureza; trata-se do estofo mesmo do meu ser, e analogamente à consciência, deve ver nela uma simples necessidade de fato, uma contingência radical. [...]Por ser o homem livre, escapa ao seu próprio ser, faz-se sempre outra coisa do que aquilo que se pode dele dizer.”

¹² Para uma melhor compreensão, vejamos o trecho do qual foi retirado o excerto: “Assim, não temos atrás de nós, nem adiante de nós, no domínio luminoso dos valores, justificações ou desculpas. Estamos sós e sem desculpas. É o que traduzirei dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre porque, uma vez lançado no mundo, é responsável por tudo quanto fizer. (grifo nosso)

¹³ Ao desenvolver sua ontologia fenomenológica, apoiando-se na intencionalidade como método filosófico, Sartre radicaliza o estudo da consciência ao propor a sua desubstancialização, demonstrando que, em última instância e fundamentalmente, a atividade consciente se caracteriza

confunde com a liberdade e esta fornece a sua capacidade de escolher e de fazer o que quiser de sua vida.

Não podemos nos esquecer de mencionar o compromisso que o sujeito tem com suas escolhas, pois ele é inteiramente responsável por seus atos. Beauvoir também se utiliza de outra fórmula atribuída a Dostoievski, o qual afirma que “cada um é responsável por tudo diante de todos”. (DOSTOIEVSKI apud Beauvoir, 2005b, p. 185). Porém, como já indicamos, o cerne da questão concerne ao fato de que, se não existe uma divindade, o homem não possui mais um álibi, uma desculpa. Não há nada que o determine previamente em sua conduta. Assim, por exemplo, se ele se torna violento, não se pode atribuir a violência por ele praticada ao ambiente social que vive ou a algum outro fator exógeno (pobreza, desestruturação familiar, etc.). A ação violenta é tão-somente o produto de uma escolha pessoal. A única coisa que o sujeito não pode fazer é deixar de escolher. Ademais, como salienta Beauvoir: “Até mesmo nossa passividade é escolhida: para não escolher, é preciso ainda escolher não escolher; é impossível escapar.” (BEAUVOIR, 2005 b, p. 185).

O ser humano não tem, como já foi indicado, um Deus para guiar as suas ações, porém isso não implica dizer que o mesmo esteja isento de assumir uma responsabilidade moral pelos seus atos. As suas escolhas devem, de certa forma, ser orientadas por uma baliza moral. Para tanto, como sabemos, não são necessários parâmetros preestabelecidos, como, por exemplo, os mandamentos divinos ou um imperativo categórico nos moldes kantianos. O sujeito deve apenas fazer-se e escolher-se enquanto sujeito livre. Assim, o indivíduo age moralmente porque escolhe assim fazê-lo. Ele pode construir os seus valores partindo de si mesmo, construindo sua própria história cotidianamente, e não seguindo um traçado imposto previamente.

Posto isso, faremos uma análise mais específica e detalhada da obra beauvoriana a fim de identificar se, de fato, existe uma filosofia moral subjacente aos seus escritos literários e filosóficos.

como uma relação, como um dirigir-se indefinido para fora de si ou, ainda como um “explodir em direção a”. Ou seja, o ser-para-si é a consciência, que é um nada que é impulsionado pelo desejo de ser. Para um melhor esclarecimento conferir (SARTRE, 2005, p. 56).

1.2 A presença de uma reflexão moral no pensamento de Simone de Beauvoir

Antes mesmo da publicação do seu ensaio intitulado *Por uma moral da ambiguidade*, em 1947, Simone de Beauvoir, como já sublinhamos, já tratava de questões relacionadas à moralidade. A fim de demonstrar tal afirmação, abordaremos o ensaio intitulado *Pirro e Cinéias*¹⁴, de 1944, como também o romance já mencionado *O Sangue dos outros*, originalmente publicado em 1945.

Ora, sabemos que as obras de maior relevância na carreira de Beauvoir foram os romances, as memórias e as ideias precursoras da segunda onda do movimento feminista¹⁵ contidas em *O segundo sexo*, como já sublinhamos. Isso conferiu à Simone de Beauvoir a condição de escritora, pois, de acordo com Teixeira (2017), a própria não aceitava o título de filósofa. Todavia, vale ressaltar que, embora seus ensaios filosóficos não tenham obtido tanto destaque quanto as obras do seu companheiro e parceiro intelectual, Jean-Paul Sartre, ou até mesmo de Merleau-Ponty, eles possuem uma carga filosófica própria e original.

O mínimo contato com qualquer um de seus livros nos leva a perceber a relevância dada às questões morais. Convém, por isso, compreender o que aqui chamamos de “construção de uma moral”, o que, aliás, pode causar certa estranheza, visto que o existencialismo francês não postula regras a serem seguidas, como ocorre com as morais tradicionais¹⁶. Assim, a fim de realizar tal intento, analisaremos, em um primeiro momento, o ensaio *Pirro e Cinéias*, em que Beauvoir tenta elucidar a motivação da ação humana em seu projeto existencial e, em seguida, *O sangue dos outros*, obra na qual ela apresenta questionamentos acerca do sentido da vida, do papel que ocupamos no mundo e do impacto que nossas ações geram em outrem. Por fim, discorremos sobre a obra que servirá de base ao nosso percurso investigativo, *Por uma moral da ambiguidade*, na qual,

¹⁴ Trata-se do primeiro ensaio filosófico de relevância escrito por Beauvoir

¹⁵ Para falarmos sobre o feminismo, será necessário realizar um recorte histórico; nos referimos aqui aos movimentos que eclodiram a partir de meados do século XIX sobretudo nos Estados Unidos e na Europa. Dentro desse recorte, vale salientar que o movimento é composto por três ondas, sendo a primeira marcada pelo movimento sufragista no qual a maior das reivindicações era referente ao direito ao voto, bem como a igualdade com os homens, educação e relação simétrica dentro do casamento. A segunda é marcada pela obra de Simone de Beauvoir mais especificamente os dois volumes de *O Segundo Sexo*, e foi caracterizada como uma fase mais radical do movimento. A terceira é marcada pela obra de Judith Butler e as discussões sobre gênero.

¹⁶ Sobre as obras de Beauvoir, Merleau-Ponty chegou a comentar, por exemplo que *A Convidada* retrata uma verdadeira moralidade, sem a pretensão de dissipar a ambiguidade fundamental e que isso nos fornece um princípio ético. Como está registrado em: *Beauvoir and Merleau-Ponty on ambiguity* de Monika Langer (2006).

como o próprio título sugere, ela trata de questões que envolvem a ambiguidade da condição humana, tema que será tratado no segundo capítulo.

Vale salientar que aqui concebemos a moral como elemento da conduta humana, pois, como ficará claro ao longo do texto, o existencialismo ateu não postula regras de conduta, nem sugere princípios que devam guiar as ações e o comportamento dos indivíduos. Porém, como destaca Daigle (2014, p. 382):

Contudo, embora ela não esteja preocupada em conceber regras éticas de conduta e diretrizes para a deliberação ética, ela se preocupa com a questão mais fundamental de como viver autenticamente como seres ambíguos. Seu pensamento ético é baseado em considerações ontológicas e fenomenológicas que lhe permitem pensar através de relações interpessoais. Por ser isso o que conduz sua filosofia, considero sua preocupação fundamental como sendo a ética.

A questão que norteia a obra beauvoriana, como fica claro no trecho acima, é de natureza moral. Visto que tanto em seus ensaios filosóficos, como nos romances que abordaremos, os problemas morais se revelam como o foco central. Em relação aos romances, ela não constrói tipos ou modelos ideais de pessoas, mas revela seres humanos reais, que trazem consigo os dilemas da ambiguidade e os põe em situações comuns vividas em um determinado contexto histórico. Isso diferencia os seus romances dos sartrianos, haja vista que Sartre tipifica seus personagens. Assim, por exemplo, o professor de filosofia de *A Idade da Razão*¹⁷ é construído com vistas a tornar explícito o conceito de *má-fé*.¹⁸ As personagens de Beauvoir são mais complexas, chegando, inclusive, a nos surpreender com algumas atitudes, a exemplo de *A Convidada*, no qual nossa autora traz à tona dilemas relacionados à liberdade. Há, pois, nos referidos textos, uma sutil, porém profunda diferença na escrita de ambos. Vejamos alguns elementos da trama literária.

¹⁷O protagonista é um professor de Filosofia de trinta e quatro anos que é julgado por todos que o conhecem como sendo um homem totalmente livre. Essa vida “livre” de Mathieu, nos cafés de Paris, é abalada a partir do momento que descobre que Marcelle, sua namorada, que encontra secretamente quatro vezes por semana, está grávida. Nesse momento, ele sente sua liberdade ameaçada e, por esse motivo, resolve que a mesma deve praticar o aborto. A partir daí ele começa a procurar entre seus amigos alguém que lhe ajude nessa missão. O professor julga que o fato de tornar-se pai o faz deixar de ser livre pelas responsabilidades que surgem com tal condição. Com isso, ele tenta adiar a “idade da razão”, tenta evitar a todo custo responsabilizar-se por seus atos, assumir sua idade e as próprias escolhas que fez durante sua vida, principalmente durante os sete anos em que esteve, secretamente, ao lado de Marcelle. Nesse personagem Sartre tipifica o que vem a ser o conceito de *má-fé*.

¹⁸Este conceito será tratado mais à frente, no segundo capítulo.

1.2.1 O problema moral em *Pirro E Cinéias*

Simone Beauvoir inicia o referido texto retomando um diálogo entre Pirro e Cinéias apresentado na obra de Plutarco. O primeiro representa um homem poderoso que menciona os países que deseja conquistar, enquanto o último se revela um sábio. Após mencionar todos os lugares que deseja conquistar pela força, Pirro informa que, após todas as aquisições, ele descansará. Ao ouvir tal relato, o sábio Cinéias retruca: se o objetivo final é descansar, por que não o faz agora? Por meio desse diálogo, a autora nos leva a questionar acerca do que motiva as ações humanas. Podemos conceber suas palavras com uma espécie de efeito em cascata, pois, de acordo com ela, uma ação sempre leva a outras ações que se seguirão de outras *ad infinitum*. Ela fornece o exemplo da criança que, ao pronunciar a letra A, sabe que terá também de pronunciar todas as outras letras do alfabeto. Em todos os domínios da nossa vida, nos deparamos com tal exigência, porém, muitas vezes, nós recorremos à procrastinação ou inação, já que sabemos que, a partir do momento em que praticamos uma ação, muitas outras exigências, compromissos e responsabilidades advirão daquele ato original. Assim, se, ao que parece, nunca iremos parar, o que nos leva a iniciar tal processo? Em outras palavras, existe um limite para a ação humana? Sobre isso, diz Beauvoir:

Aos olhos da reflexão, portanto, todo projeto humano parece absurdo, pois ele só existe se atribui limites a si mesmo, e sempre podemos transportar esses limites, perguntando-nos com irrisão: “Por que até aqui? Por que não mais longe? Para quê?” (BEAUVIOR, 2005b, p. 134)

Em relação a esses limites, ela retoma primeiramente uma fórmula atribuída a *Cândido*, no romance de Voltaire: “É preciso cultivar nosso jardim”. Sobre isso, a autora afirma: “Esse conselho não nos será de grande valia. Pois qual é o meu jardim?” (BEAUVIOR, 2005b, p. 134). Ora, no referido ensaio, a filósofa discorre sobre a questão do projeto, mencionando o fato de que este estará sempre inserido em um contexto, ou, como costumam chamar os existencialistas, em uma *facticidade*¹⁹. O homem está constantemente se lançando em novos projetos, razão

¹⁹Dentro do existencialismo o conceito de “*facticidade*” está relacionado ao aspecto da vida humana que se define pela situação na qual nos encontramos e que somos forçosamente impelidos a enfrentar, ou seja, o homem é lançado em mundo que não foi criado por ele. Para mais esclarecimentos, conferir BURSTOW (2000).

pela qual uma escolha é necessária para realizá-los, e que podemos estender essa escolha a toda a humanidade. Eis por que indaga Beauvoir: [...] “é preciso que Pirro decida. Ele fica ou parte. Se ficar, o que fará? Se partir, até onde irá?” (BEAUVOIR, 2005b, p. 134). No decorrer do texto, Beauvoir aponta diversos exemplos para elucidar as noções de *projeto*, *situação*, *relação com os outros*, *intersubjetividade*. Mas, convém indagar: de que modo o projeto adquire característica e especificidade da liberdade do sujeito que pretende realizá-lo? De acordo com a autora:

Para que esse projeto seja meu, é preciso que a cada instante eu o faça novamente meu levando-o rumo ao meu futuro; posso fazer meus, fundando algo sobre eles, até mesmo os objetos que no passado não são meus porque não os fundei. (BEAUVOIR, 2005b, p. 140)

O projeto, como podemos notar, requer a sua reafirmação. Assim, se tenho um objetivo em mente, devo constantemente atualizá-lo e é por meio dessa atualização que sou levado a agir. Dessa forma, na construção da nossa história, o presente e o futuro confluem nesse processo. Com efeito, ao me projetar para um futuro indeterminado, eu construo o meu presente. Tudo o que fazemos é considerado como elemento constitutivo de um projeto, seja um pensamento, um sentimento ou uma ação. Nesse contexto, a partir do momento em que faço algo, esse algo se separa de mim e a única maneira de fazer esse passado ser meu novamente é torná-lo constantemente presente.

Por conseguinte, as relações com as coisas não existem de antemão, pois elas são criadas repetidamente a cada instante. Dito de outro modo, nossa relação com o mundo não é previamente dada, mas é fruto de uma decisão livre e voluntária. Essa postura traduz-se sob a forma de engajamento²⁰, pois quando um indivíduo se engaja em um determinado projeto, este passa a ser seu. Sobre isso, Simone de Beauvoir nos fornece diversos exemplos, mas aqui iremos mencionar apenas o caso específico da própria autora que, ao aderir à causa do feminismo, esta passou a ser sua também.

De fato, com o advento da Segunda Guerra Mundial, os homens ocuparam os campos de batalha, enquanto as mulheres saíram de seus lares para exercer

²⁰ Para uma melhor compreensão do termo, vejamos seu significado para o existencialismo: “O engajamento é a atitude do indivíduo que, tomando consciência de sua total responsabilidade em face de sua situação histórica e social, decide agir para modificá-la ou denunciá-la (CABESTAM E TOMES, 2002, p.37, tradução nossa)

funções específicas nas ruas, fábricas, no comércio, como também em outros domínios da vida social. Porém, com o fim da guerra e o consequente retorno dos homens para ocupar seus lugares e funções, as mulheres se viram reconduzidas às suas casas e, notadamente, não aceitaram facilmente essa nova mudança. Isso caracterizou o que ficou conhecido como a *segunda onda do movimento feminista*. Simone de Beauvoir tomou essa luta para si e abraçou esse projeto durante toda a sua vida, indo às ruas, assinando manifestos como o das 343 vadias²¹ e, sobretudo, escrevendo o seu ensaio filosófico de maior magnitude sobre o tema.

Uma das ideias fundamentais defendidas por Beauvoir consiste na defesa da tese existencialista de que o homem é transcendência em seu ser. Eis em que consiste sua liberdade e sua capacidade de superar o plano da imanência, própria das coisas e objetos do mundo. Por isso, Beauvoir postula que a relação com as coisas necessita ser transcendida. Ademais, diz ela:

É porque o homem é transcendência que para ele é tão difícil imaginar um dia um paraíso. O paraíso é repouso, é a transcendência abolida, um estado de coisas que se dá e que não tem que ser superado. Mas então, o que faremos lá? Seria preciso, para que o ar de lá fosse respirável, que ele deixasse espaço para as ações, para desejos, que tivéssemos de superá-lo, a seu turno: que ele não fosse um paraíso. A beleza da terra prometida estava em prometer novas promessas. Os paraísos imóveis nos prometem apenas um eterno tédio. Pirro só fala em repousar porque lhe falta imaginação; de volta à sua casa, ele caçará, legiferará, partirá novamente para a guerra; se tentar permanecer verdadeiramente em repouso, não fará outra coisa a não ser bocejar. (BEAUVOR, 2005b, p. 145-146, grifo nosso)

Para compreendermos essa noção tão cara aos existencialistas, cabe-nos lembrar que ela advém do conceito de *intencionalidade*²² proposto por Edmund Husserl. Isso implica em dizer que o homem – a consciência – é caracterizado pela transcendência, ou seja, é um “deslizar para fora de si” e, desse modo, ele é “recusa de ser substância²³. A ideia de que “toda consciência é consciência de alguma

²¹ Manifesto publicado originalmente em 1971, assinado por Beauvoir e mais 342 mulheres, entre elas artistas, donas de casa e intelectuais como Catherine Deneuve, Marguerite Duras, dentre outras, com o intuito de cobrar do governo francês o aborto livre e gratuito. Visava-se, com isso, garantir o atendimento especializado e diminuir os números alarmantes de mortes de mulheres em fase reprodutiva, causadas pela prática clandestina de tal procedimento.

²² Esse conceito husserliano é assimilado por Sartre e Beauvoir. Para estes: [...]intencionalidade não é uma mera determinação psicológica, mas define o ser da consciência. Intencionalmente, esta não é uma substância dobrada em sua própria interioridade ou imanência, mas é esse movimento intencional permanente em direção ao mundo, que é um aspecto essencial da transcendência. (CABESTAM E TOMES, 2002, p. 54, tradução nossa)

²³ As características da consciência intencional estão presentes no artigo *Uma ideia fundamental da fenomenologia de Husserl*. Nela Sartre (2005, p. 56) afirma: “De um só golpe a consciência está

coisa" implica o fato de que a consciência e o mundo são correlatos, ou seja, já não existe a primazia de um pólo sobre o outro. Nessa perspectiva, o homem se constitui ao estabelecer uma relação com algo diferente de si (o mundo), e este não o definirá, pois, em última instância, ele é essa própria relação ou o movimento para fora de si. Em suma, o homem é pura indeterminação, um "nada" que busca ser, que busca atingir uma plenitude. E é precisamente a impossibilidade de uma síntese entre o "ser cujo ser reside em não ser" e as coisas que permitem a Beauvoir conceber a realidade humana como ambígua. Ela, como dizia Sartre, "é o que não é e não é o que". Dito de outro modo, a consciência se projeta para as coisas, mas não coincide com elas, as coisas são regidas pelo princípio da identidade, a consciência não, ela é atividade.

Esse óbice enraizado no âmago da própria realidade humana revela uma espécie de insuficiência ontológica e, portanto, traduz seu lado fracassado. Em outros termos, o sujeito jamais pode coincidir plenamente com alguma coisa já dada, acabada. Apesar dessa "indigência", o indivíduo busca dar significado à sua própria existência, haja vista que o desejo de tornar-se algo o move em seus projetos. Ademais, como já foi indicado, ele não se define prévia e plenamente, porém tenta constituir seu próprio modo de vida, projetando-se no mundo em meio às diversas relações estabelecidas com as coisas e com os demais seres humanos. O que corrobora a ideia de que ele é um ser em construção e, consequentemente, como já sugerimos, um projeto sempre inacabado. O existencialismo baseia-se, pois, no reconhecimento do caráter precípua da subjetividade, situando-a no campo das ações humanas, ou seja, no mundo. Dessa forma, tal corrente não cai nas armadilhas da interioridade ou do solipsismo, como denunciam seus críticos²⁴. É nas relações, com as coisas e com os outros, que o homem se constrói. Desse modo o solipsismo é superado.

purificada, está clara como uma ventania, e não há mais nela nada a não ser um movimento para fugir de si, um deslizar para fora de si; se, por possível, vocês entrassem "dentro" de uma consciência seriam tomados por um turbilhão e repelidos para fora, para perto da árvore, em plena poeira, pois a consciência não tem interior, ela não é nada senão o exterior de si mesma, e é essa fuga absoluta, essa recusa de ser substância, que a constitui como consciência".

²⁴ O existencialismo sofreu críticas principalmente dos marxistas e dos católicos. Os primeiros o acusavam de falta de solidariedade, visto que parte da subjetividade e, desse modo, estaria encerrado em um solipsismo e os segundos reclamavam da exaltação da decadência humana e de rejeição aos mandamentos de Deus. Essas críticas motivaram a conferência que acabou virando o livro *O existencialismo é um humanismo* e *O existencialismo e a sabedoria das nações*, escritos respectivamente por Sartre e Beauvoir, como já mencionamos.

No que concerne às questões morais, Beauvoir critica as correntes tradicionais morais que concebem o ser humano como detentor de falhas, lacunas, e, portanto, necessita de princípios invariáveis para garantir a sua vida em sociedade, amenizando, ou melhor, suprimindo, suas deficiências ou negações. Como fica claro no excerto:

[...] é verdade que as morais mais otimistas começaram todas por ressaltar a porção de fracasso comportada pela condição de homem.; sem fracasso, não há moral; para um ser que seria de saída exata coincidência consigo mesmo, perfeita plenitude, a noção de dever-ser, não teria sentido. Não se propõe moral a um Deus; é impossível propô-la a um homem se o definirmos como natureza, como dado; as morais ditas psicológicas ou empíricas não logram constituir-se a não ser se introduzindo sub-repticiamente alguma falha no seio do homem-coisa que elas primeiramente definiram. (BEAUVOIR, 2005 a, p. 16)

Contudo, para a autora, apenas depois de lançar-se no mundo é que o homem pode dar algum significado à sua existência e não o inverso, como se sua destinação já estivesse estabelecida. Não há realidade humana sem escolha, toda ação humana é moral. O existencialismo não estabelece uma moral nos moldes tradicionais, mas tem seu foco no campo das ações humanas e no agir com responsabilidade. Ou seja, uma moral da ação e do compromisso e não uma moral dos deveres. Cada um é responsável pelas suas escolhas, portanto regras determinadas não se fazem necessárias.

Para aprofundar a noção de projeto e as relações que se seguem deste, Beauvoir nos convida a refletir sobre a seguinte questão:

O jardim de Cândido não pode, portanto, nem ser reduzido a um átomo nem ser confundido com o universo. O homem só é ao escolher-se; se se recusa a escolher, aniquila-se. O paradoxo da condição humana é que todo fim pode ser superado; e, no entanto, o projeto define o fim como fim; para superar um fim, é preciso primeiramente tê-lo projetado como o que não é para ser superado. O homem não tem outra maneira de existir. É Pirro que tem razão contra Cinéias. Pirro parte para conquistar: que conquiste, então. “E depois?” Depois ele verá. (BEAUVOIR, 2005b, p. 165, grifo nosso)

Ao homem só resta a opção de agir, ou seja, o homem deve construir um plano de ação, mas não um plano já estabelecido, pois ele não deve se guiar por mandamentos ou imperativos constituídos *a priori*. Assim, não cabe ao homem o repouso ou a inação, já que ele é sempre impelido a agir, na medida em que, só dessa forma, ele existe se fazendo, se construindo, se superando. E isso está

relacionado ao paradoxo da liberdade: ele é livre para realizar suas escolhas, porém não lhe é possível não escolher. Ou seja:

Um homem jamais pode abdicar de sua liberdade; quando pretende renunciar a ela, só faz mascará-la para si mesmo, ele a mascara para si livremente. O escravo que obedece escolhe obedecer e suas escolha deve ser renovada a cada instante. Dedicamo-nos porque queremos; queremos porque é dessa maneira que esperamos recuperar o nosso ser. (BEAUVIOR, 2005b, p. 174)

Se o homem inicialmente não é nada, ele só se faz existir por meio de suas ações, ou seja, por meio de seus projetos. Outro fato que merece destaque é que, para realizar tais projetos, o projeto precisa do outro. Segundo a autora, o homem deseja que seu projeto se prolongue e é exatamente quando eu convenço o outro a aderir ao meu projeto individual que isso ocorre. A relação com outrem é necessária, porém existem duas exigências a serem satisfeitas para que tal interação ocorra: “que me seja permitido apelar” e que eu tenha diante de mim homens livres. Assim, eu posso convidar o outro a encampar as minhas lutas. Para que isso ocorra, se faz necessário primeiramente lutar contra tudo e todos que possam sufocar a minha voz, pois, somente assim, as outras liberdades poderão ouvir o meu clamor. E, dessa forma, o texto é encerrado:

Somos livres para transcender toda transcendência, podemos sempre escapar rumo a um “alhures”, mas esse alhures é ainda algum lugar, no seio de nossa condição humana; jamais escapamos a ela e não temos nenhum meio de encará-la de fora para julgá-la. Somente ela torna possível a palavra. É com ela que se definem o bem e o mal; as palavras atitude progresso, temor só tem sentido em um mundo em que o projeto faz aparecer pontos de vista e fins; elas supõem esse projeto e não poderiam aplicar-se a ele. O homem não conhece nada além de si mesmo e não poderia sonhar nada que não fosse humano: com o que então compará-lo? Que homem poderia julgar o homem? Em nome de que falaria ele? (BEAUVIOR, 2005b, p. 206)

Esse longo comentário resume o objetivo da obra: demonstrar a condição humana e revelar a ambiguidade que a caracteriza. O homem é, como já indicamos, um nada que almeja ser algo e a única forma de fazê-lo é por meio da realização de seus projetos. Mas, para tanto, ele precisa se engajar e assumir o peso de suas decisões. Eis por que a discussão também concerne à questão do engajamento que a autora tratará em sua obra *O sangue dos outros*.

1.3 O Sangue Dos Outros e o problema do engajamento

Outra característica marcante do existencialismo francês é o que ficou conhecido por engajamento²⁵. Esse fenômeno revela que as obras de tais autores não são apartadas de suas vidas, pois o seu conteúdo está intimamente ligado ao que fora vivenciado por tais pensadores. Portanto, antes de iniciarmos a análise da obra em questão, cabe-nos discorrer sobre esse conceito para uma melhor compreensão do tema investigado. A relevância dessa questão fica bastante clara quando lemos a apresentação da revista *Les temps Modernes*, publicação que tinha como responsáveis por sua edição Merleau-Ponty, Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. Assim, vejamos o que diz Sartre sobre tal questão:

Já que o escritor não tem como se evadir, queremos que abrace com força a sua época. Esta é sua chance única: ela foi feita para ele e ele é feito para ela. Lamentamos a indiferença de Balzac diante de 1848, a incompreensão covarde de Flaubert diante da comuna. Lamentamos *por eles*: aí está uma coisa que eles perderam para sempre. Não queremos perder nada do nosso tempo: talvez existam mais belos, mas este é o nosso. Temos apenas *esta* vida para viver, em meio a *esta* guerra, a *esta* revolução talvez. (SARTRE, 1999, p.30)

Para os existencialistas, o intelectual deve tomar partido das questões do seu tempo. Eis por que fica clara a crítica endereçada a alguns escritores que, em momentos de opressão ou barbárie, preferiram se omitir. O descomprometimento deles em relação aos eventos sociais citados é encarado como indiferença ou covardia para com a própria humanidade. O engajamento está enraizado na ideia de liberdade, pois se trata de agir sobre os problemas da sua época, tomando uma posição, para, quiçá, poder mudá-la. Ou seja, o escritor, filósofo, intelectual não deve se calar diante das mazelas ou tragédias que afetam a sociedade humana. No caso específico de Simone de Beauvoir, a guerra foi uma experiência crucial que mudou seu modo de pensar e de se posicionar no mundo. Após tal esclarecimento,

²⁵Na filosofia existencialista, esse termo foi usado para indicar o fato de que qualquer esclarecimento que o homem possa obter sobre as determinações da existência é um compromisso (uma decisão ou uma escolha) em face de tal determinação. [...] Sartre viu no engajamento o nascimento do projeto fundamental que é a expressão da liberdade humana: "Meu projeto último e inicial é sempre o esboço de uma solução do problema do ser. Mas essa solução não é primeira conhecida e depois realizada: nós somos essa solução, fazemo-la existir como nosso engajamento e só podemos atingi-la vivendo-a". (CABESTAN E TOMES, 2002, p.47, tradução nossa)

iremos analisar como esse engajamento se deu na prática, tal como a autora expressa em seu romance *O Sangue dos Outros*.

Ora, sabemos que Simone de Beauvoir ficou mais conhecida por suas memórias e romances do que por seus textos propriamente filosóficos. Da mesma forma, uma simples leitura de suas obras nos leva a perceber que as mesmas estão carregadas de conceitos filosóficos acerca da existência humana e que, como já sublinhamos, uma questão primordial para o existencialismo francês é a liberdade. Em razão disso, a referida corrente sofreu diversas críticas acerca de sua concepção de liberdade, visto que esta não foi compreendida ou bem recebida em sua época²⁶.

De qualquer forma, Beauvoir se comprometeu com as questões do seu tempo e este engajamento foi também retratado em sua obra. De fato, seus romances são carregados de dilemas existenciais ou de conflitos relacionados com a liberdade, responsabilidade e engajamento político. Acerca da liberdade, vimos que ela está intrinsecamente relacionada à escolha, ou seja, o homem é livre, e isso faz dele responsável por suas decisões e pelas consequências das mesmas, como já sublinhamos anteriormente. Aqui discorrermos sobre alguns trechos do romance *O Sangue dos Outros*, o segundo publicado pela autora, em 1945.

O cenário é a Paris de 1938. Durante a ocupação nazista são retratados os personagens com seus dramas e conflitos existenciais. Aqui serão mencionados apenas os personagens mais relevantes, a saber, Jean e Hélène. O primeiro é o filho de um rico burguês, o personagem principal, e a segunda será seu par romântico na trama. Jean, embora tenha nascido no seio da burguesia, não aceita essa condição e não mede esforços para transformar-se em um operário. Destarte, ele abandona o conforto e o luxo de seu lar para seguir os preceitos do partido comunista e trabalhar como operário, renegando, assim, o destino que lhe foi imposto por sua condição de classe. Porém, realizar essa ruptura não se trata de uma tarefa fácil, de modo que um de seus amigos lhe alerta sobre o abismo que o separa dos outros operários, como podemos notar no seguinte diálogo:

²⁶As objeções ao existencialismo e as respostas de seus representantes encontram-se definidas em dois textos básicos: *O existencialismo é um humanismo* (SARTRE, 1978) e *O existencialismo e a sabedoria das nações* (BEAUVIOR, SD), como já mencionamos.

- Está certo – disse este. – Meu pai pagou esta roupa, estes sapatos; pagou também meu aprendizado. Mas ninguém parte jamais do zero absoluto.
- É exatamente isso que estou dizendo [...]. Se se tratasse apenas dessa roupa! Mas sua cultura, suas amizades, sua saúde de jovem burguês bem nutrido. Você não pode eliminar o passado.
- Não restará muita coisa dele depois que eu tiver vivido alguns meses como operário.
- Haverá sempre um abismo entre você e um operário: você está escolhendo livremente uma condição que a ele é imposta. (BEAUVIOR, 1984, p.28)

Jean logo perceberá que o homem é uma construção, porém, isso dependerá da soma entre aquilo que fomos (passado), as escolhas que fazemos (presente) e a maneira como os outros nos veem. Assim, ele, inicialmente, se une aos comunistas, porém, após a morte trágica de um amigo muito próximo, o mesmo se afasta da causa, pois não acha justo que se faça revolução ao preço do “sangue dos outros”. Ou, em suas palavras: “Os comunistas encaram os homens como peças de um jogo de xadrez; trata-se de ganhar a partida; as peças em si não têm importância” (BEAUVIOR, 1984, p.59). Durante muito tempo esse fato passou a atormentar a sua vida, pois ele continua sua jornada de operário, vive sozinho em um minúsculo apartamento e passa seu tempo refletindo sobre as injustiças da vida, sem nada fazer contra elas. Em outros termos, por um certo período, ele apenas passou pela vida sem engajar-se com nada ou ninguém, ou seja, apenas observa de longe o que acontece, sem tomar posição diante do ocorrido. E isso o inquieta, pois, aparentemente, a vida dessa forma não tem sentido algum. Assim, ele reflete:

A sensação de desconforto não se dissipava. Será que eu servia para alguma coisa? A questão, para mim, não era essa. Não estava ao meu alcance escolher um destino justo num mundo injusto; eu desejava a justiça. Para quem a desejava eu? Para os outros ou para mim mesmo? Você me disse um dia com furor: é sempre por nós mesmos que lutamos. Eu lutava contra o remorso e a culpa de estar aqui, minha culpa. Como tinha eu ousado arrastar para aquele combate outra pessoa que não eu próprio? (BEAUVIOR, 1984, p.30)

De certa forma, Jean sente-se responsável pela morte de seu amigo, por tê-lo incentivado a aderir ao comunismo. Assim, além da culpa pelo sangue derramado de Jacques, o protagonista sente uma espécie de culpa pelo fato de existir. O que fica cada vez mais claro nos diálogos como esse que ele tem com Hélène, quando ela questiona como ele é de verdade e ele responde:

– Não muito simpático [...] – Assim, quando você me pergunta por que eu não a amo. Respondo que você é jovem demais, que não temos as mesmas preocupações. Está certo. Mas é também porque meu sangue é pobre. Nunca fui capaz de uma paixão. Vivo girando em meio aos meus remorsos e aos meus escrúpulos, com a única preocupação de não sujar minhas mãos. É o que denomino uma natureza ingrata, do gênero constipado. Tenho inveja de Paul de você... (BEAUVOIR, 1984, p.104)

A segunda personagem é Hélène, uma jovem estilista responsável por trazer um certo colorido à história. A mesma namora, há cerca de três anos, com um amigo de Jean chamado Paul, também operário e comunista. Assim como Jean, Hélène sente que sua existência não possui sentido algum, porém, no caso dela, esse problema decorre de uma espécie de ausência de amor próprio. O que ela deixa transparecer no seguinte diálogo:

– Quando eu era pequena, acreditava em Deus; era ótimo; exigia-se alguma coisa de mim, a cada instante; parecia-me então, que *eu devia existir*. Era uma necessidade.
 – Penso que seu mal é achar que os seus motivos para existir deveriam descer-lhe prontinhos do céu: nós é que temos de criar.
 – Mas não podemos acreditar neles quando sabemos que somos nós mesmos que os criamos. É apenas uma forma de nos iludirmos.
 – Por quê? Ninguém cria assim no ar; cria-se levado pelo amor, por alguma aspiração, e o que foi assim criado ergue-se diante de nós sólido, real. (BEAUVOIR, 1984, p.72)

Nesta passagem, podemos compreender o que a autora denomina de “éticas razoáveis e metafísicas consoladoras”²⁷, ou seja, Hélène toma a existência de Deus como um consolo, ou até mesmo como uma garantia para a sua existência. Aqui fica explícito um dos temas centrais do existencialismo: a negação da existência de um destino preconcebido e a rejeição à ideia de um Deus responsável por tudo que nos acontece. Com isso, o sujeito passa a assumir a responsabilidade por suas escolhas e essa dependência está tão arraigada ao ser de Hélène que, ao abandoná-la, ela se vê acometida de certa angústia. Com isso, a personagem permanece buscando fora de si motivos preestabelecidos para garantir sua existência. Em suma, notamos que ela apenas inverteu os papéis, trocando Deus por Jean. E o que passa a dar significado à existência de Hélène é o seu amor por ele. A princípio, ela se conforma em amar sozinha, já que Jean não demonstra reciprocidade. Porém, à medida que esse amor ganha intensidade, a necessidade de atenção e de retorno afetivo aumenta de maneira exorbitante. Ela alimenta, pois, o desejo de sentir-se desejada

²⁷ Cf *Por uma Moral da Ambiguidade* (BEAUVOIR, 2005b)

e necessária. Com efeito, assim como Jean é necessário à garantia da sua existência, ela deseja ser necessária à existência dele. Essas questões estão intimamente ligadas à noção de liberdade, pois, nas palavras de Daigle (2014, p.21):

Para Beauvoir a liberdade humana é pensada em um mundo já dado e constitui-se a partir de uma dialética entre duas escolhas: assumir-se como um sujeito livre ou “demitir-se” dessa condição. Demitir-se dessa condição é acomodar-se e aceita o determinismo existencial. Assumir a liberdade é admitir os condicionamentos da existência humana, mas também aceitar que somos seres inconclusos e inacabados e aquilo que fizermos da nossa existência será determinada pelas escolhas que fazemos ao longo da vida.

Como já mencionamos, Jean passa um tempo vivendo apaticamente, pois ele não se envolve por completo com nada e isso também inclui Hélène. Enquanto ela dedica-se integralmente ao romance que, de certa forma, lhe garantia uma certa estabilidade, o ex-burguês não se compromete com nada, não demonstra interesse por ela, o que só aumenta o tormento dela por não se sentir necessária ou valorizada. Essa tensão acaba fazendo com que Jean tome uma atitude, qual seja: ele resolve mentir, não se sabe se para si próprio ou apenas para satisfazer a vontade de Hélène. Com efeito, ele carrega consigo uma culpa e essa perpassa a sua existência, haja vista que, em diversos momentos, esta é mencionada, como podemos notar no excerto:

- Li de certa feita: cada homem é responsável por tudo, diante de todos. E isso me parece tão verdadeiro!
 [...] Sempre senti isso, mesmo quando eu era garoto: bastam os meus olhos para que esta avenida exista. Basta a minha voz para que o mundo tenha voz. Quando ela se cala a culpa é minha. [...]
 - Eu não criei o mundo. Mas a cada instante eu orecio com a minha presença. E, para mim, tudo se passa como se as coisas que nele acontecem viessem de mim. (BEAUVOIR, 1984, p. 122-123)

Ao longo do romance, Jean carrega essa culpa em seu ser e, de certo modo, ele é consciente de sua responsabilidade e percebe o quanto suas escolhas impactam o mundo. Ademais, nesse texto também vemos exemplificados todos os temas que foram já expostos em *Pirro e Cinéias*. Isso, com efeito, assinala a existência de uma reflexão moral nas obras de Beauvoir e todas essas noções serão ainda mais aprofundadas em *Por uma moral da ambiguidade*. Aliás, a angústia que percebemos nas palavras e ações dos personagens apenas demonstra a ambiguidade de seu ser.

Na parte conclusiva da obra, Jean se vê forçado a tomar decisões, já que todos os seus amigos mencionados também o fazem. Aliás, a guerra iminente é sentida e vivida por eles, e isso é percebido em suas atitudes. Mas, ao contrário das outras gerações que gozaram de certa estabilidade, esses jovens parisienses enfrentam um futuro incerto, e isso faz com que eles procurem viver intensamente o momento presente, já que o devir é imprevisível. Tais jovens escolhem viver suas liberdades sem perder de vista a responsabilidade pelos outros e pelo mundo, visto que suas atitudes não dizem respeito apenas a si mesmos, mas devem envolver também toda a humanidade. Tudo isso caracteriza a transcendência de seus projetos individuais e, da mesma forma, revela um certo compromisso moral com os outros sujeitos. Não obstante a responsabilidade gerada por sua condição de liberdade, o indivíduo ainda vive sob a égide da ambiguidade. É disso que trataremos no próximo capítulo.

2 A AMBIGUIDADE E OS DESAFIOS DA CONDIÇÃO HUMANA

No segundo capítulo, apresentaremos a questão da ambiguidade a fim de demonstrar como esta se relaciona com a moralidade. Para tanto, se faz necessário realizar a distinção entre autenticidade e inautenticidade, o que nos leva a compreender o homem que assume a sua liberdade contrariamente àquele que a rejeita e as nuances que se revelam por meio de certos comportamentos que reconhecemos claramente nas pessoas reais de nosso convívio e até em nós mesmos.

2.1 Conversão Existencial

Para os existencialistas, o sujeito é ontologicamente caracterizado como um ser inconcluso e indeterminado que carrega consigo a tensão entre a falta de ser e a busca de definição. Essa situação caracteriza o aspecto de ambiguidade que lhe é inerente. Em seu ensaio *Por uma moral da ambiguidade*, Simone de Beauvoir discorre a respeito dessa característica propriamente humana e suas implicações no campo das ações humanas. Convém, porém, investigar em que consiste essa “moral da ambiguidade” e o que a diferenciaria das morais tradicionais.

Ora, vimos que o homem é o único ser que tem consciência de si e, consequentemente, isso também envolve os paradoxos relacionados à sua própria existência, como o nascimento e a morte, a liberdade e o determinismo, entre outros. Em face disso, Simone de Beauvoir inicia as primeiras linhas da referida obra afirmando: “Essa trágica ambivalência [*nascentes morimur*] pela qual animal e planta apenas passam, o homem está inserido, ele a pensa” (BEAUVOIR, 2005a, p. 13). Em outros termos, o homem é o único ser que avalia a sua própria condição e, ao fazê-lo, se depara com a ambiguidade que o constitui. A esse respeito, para a autora, temos que:

Apesar de tantas mentiras teimosas, a cada instante, em toda ocasião, a verdade vem à luz: a verdade da vida e da morte, de minha solidão e de minha ligação com o mundo, de minha liberdade e de minha servidão, da insignificância e da soberana importância de cada homem e de todos os homens. Houve Stalingrado e Buchenwald e nenhum dos dois apaga o outro. Uma vez que não logramos escapar à verdade, tentemos, pois, olhá-la de frente. Tentemos assumir nossa fundamental ambiguidade. É do conhecimento das condições autênticas de nossa vida que é preciso tirar

força de viver e razões para agir. (BEAUVIOR, 2005a, p. 15)

É fato que o homem é um ser ambíguo, porém, desde os primórdios da filosofia, essa característica tem sido sistematicamente negada, seja por Platão com seu dualismo psicofísico ou ainda na Idade Média, período em que prevalece a ideia de uma divindade que direciona as ações humanas, como já mencionamos. Ou até mesmo na modernidade com Kant e seu imperativo categórico destinado a regular, por meio das leis *a priori* da razão, a ação do sujeito. Tudo isso caracteriza o que a autora denomina de “metafísicas razoáveis” e “éticas consoladoras”. Com isso, fica clara não apenas a afirmação de uma essência humana, como já sublinhamos, mas também de instâncias absolutas e universais (Ideia, Deus, Espírito), noções que estão presentes em toda a história da filosofia ocidental.

A filosofia beauvoiriana nos leva a refletir sobre a liberdade humana relacionada com a ambiguidade das nossas escolhas. Desse modo, entre o homem que tenta mascarar a sua liberdade buscando para si álibis que o isentam da responsabilidade por suas ações e o homem que assume a sua liberdade, encontramos certa tipologia feita pela autora, destinada a nos fazer compreender essa situação no campo das ações humanas. Por meio de tais descrições, pode-se perceber que se trata de seres reais com seus dramas e inquietudes existenciais.

Esse movimento que leva o homem a assumir ou não a liberdade que lhe é intrínseca é entendido, respectivamente, como transcendência e imanência. Tais atitudes são movidas pela intencionalidade, ou seja, repousa na intenção que o sujeito possui de assumir, conscientemente, sua própria existência. O sujeito, como vimos, cria e atualiza seus projetos em cada contexto vivido, de modo que, nas palavras de Viana (2010, p. 6),

O primeiro momento intencional é o desvelar-se ontológico motivado pelo desejo de desvelar-se, ideia que está relacionada tanto à intencionalidade husserliana quanto à fenomenologia de Merleau-Ponty. O segundo momento, que é a constatação da impossibilidade de ser o dado do mundo com a posterior confirmação de si mesmo, remete à ideia de consciência soberana, de Hegel e Sartre.

O primeiro movimento citado se dá quando o homem se desvela e, com isso, revela a sua espontaneidade enquanto possibilidade de realização ontológica. E o segundo movimento se dá quando o sujeito quer coincidir com algo dado, gerando a má-fé e, notadamente, a angústia por sua impossibilidade de realização. Esses

movimentos, embora sejam opostos, se complementam, visto que esse processo traduz o caráter de indeterminação e imprevisibilidade da existência humana. Desse modo, liberdade e intencionalidade caminham de mãos dadas na reafirmação da existência ontológica do homem. A delimitação desses dois movimentos nos permite entender o que diferencia o homem autêntico daquele que age de má-fé.

A descrição ontológica da subjetividade humana apresenta uma tensão originária entre a falta de determinação e o desejo de ser. Para uma melhor compreensão desse tema, convém abrir um breve parêntese. A renovação do estudo da subjetividade pelo existencialismo vincula-se ao modo como esses filósofos radicalizaram a ideia husserliana de intencionalidade. Em *O Ser e o Nada*, por exemplo, Sartre (2005, p. 22) assevera:

O primeiro passo de uma filosofia deve ser, portanto, expulsar as coisas da consciência e restabelecer a verdadeira relação entre esta e o mundo, a saber, a consciência como consciência posicional do mundo. Toda consciência é posicional na medida em que se transcende para alcançar um objeto, e ela se esgota nesta posição mesma: tudo quanto há de intenção na minha consciência atual está dirigido para o exterior, para a mesa; todas as minhas atividades judicativas ou práticas, toda a minha afetividade do momento, transcendem-se, visam a mesa e nela se absorvem.

Tomando como fio condutor a intencionalidade, a ontologia fenomenológica estabelece que o modo de ser da consciência é caracterizado pela transcendência, isto é, trata-se de “um deslizar para fora de si” e, portanto, de uma “recusa de ser substância”. A ideia de que “toda consciência é consciência de alguma coisa” significa que a consciência e o mundo são correlatos, o que implica que não existe o primado de um dos pólos sobre o outro. Nesse sentido, a consciência surge ao estabelecer uma relação com algo que não é ela mesma, e que também não a definirá, pois, em última instância, ela é essa própria relação ou o movimento para fora de si. Em suma, a consciência é pura indeterminação, um “nada”, mas que almeja certa plenitude. E é justamente a impossibilidade de uma síntese entre o “ser cujo ser reside em não ser” e as coisas que permite a Beauvoir conceber a realidade humana como ambígua.

Com efeito, há um impasse enraizado na própria estrutura da realidade humana, e isso demonstra uma espécie de carência ontológica e, portanto, revela o lado fracassado da condição humana, isto é, a própria impossibilidade de o homem coincidir plenamente consigo mesmo e com as coisas do mundo. Porém, o desejo

de tornar-se algo move o homem. E, se ele não pode se definir plenamente, pelo menos pode escolher seu próprio modo de vida, projetando-se no mundo, em meio às diversas relações estabelecidas com os outros²⁸. Isso permite dizer que o homem é um ser em construção e, consequentemente, como já sugerimos, um projeto sempre inacabado.

Ora, como já indicamos, o existencialismo concebe a subjetividade em sua precariedade existencial, sem, contudo, defender o isolamento de uma interioridade estéril. Dessa forma, essa corrente apresenta uma depuração da imagem do homem, que, se não é “definível”, é justamente porque consiste em um fazer-se sempre em curso. Eis por que o problema da indeterminação da existência concerne também à livre decisão humana e esta, por sua vez, não está dissociada das questões de ordem moral.

De acordo com Simone de Beauvoir, as morais tradicionais partem do pressuposto de que o homem possui falhas em seu ser, as quais seriam remediadas a partir de uma fundamentação que demonstrasse o primado e a força dos princípios invariáveis sobre as ações. Porém, para o existencialismo francês, apenas depois de lançar-se no mundo é que o homem pode dar algum significado à sua existência e não o inverso, como se sua destinação já estivesse estabelecida.

Ao desvelar o caráter de contingência, gratuidade e indefinição da condição humana, a referida corrente filosófica é acusada de promover uma “filosofia do absurdo e do desespero” por não fornecer nenhum princípio ou orientação *a priori* para as escolhas ou, em outros termos, um plano definido para a ação humana. Com efeito, as morais tradicionais, que utilizam definições gerais de homem e de mundo, sempre submetidas às categorias da razão (unidade, fim, todo), concebem a ideia de uma natureza humana que condicionaria a atuação do sujeito. Diferentemente disso, como já sublinhamos, o existencialismo destaca o lado fracassado do homem, sem, contudo, desconsiderar a sua liberdade de escolher e de se projetar no mundo. O homem é tomado como uma “paixão inútil”, pois nada existe fora dele que o justifique. Em sua existência, o sujeito deve assumir seu fracasso, ou melhor, a tensão inerente à sua condição, passando, assim, por uma espécie de conversão:

²⁸ Segundo Cabestan e Tomes (2002, p. 60, tradução nossa), devemos compreender que: “toda consciência é consciência de algo no mundo, e que a situação significa que o mundo como ele é, é revelado concretamente em um projeto livre”.

[...] a conversão existencial também não suprime meus instintos, meus desejos, meus projetos, minhas paixões: ela previne apenas qualquer possibilidade de fracasso ao se recusar a pôr como absolutos os fins rumo aos quais se lança minha transcendência e considerá-los em sua ligação com a liberdade que os projeta. (BEAUVIOR, 2005, p. 18)

Essa conversão é que leva o homem a assumir a sua condição e, com isso, agir livre e moralmente, haja vista que, ao reconhecê-la, ele se desfaz de sua atitude de má-fé e segue rumo à autenticidade, tema do qual trataremos a seguir.

2.2 Autenticidade e má-fé

O homem autêntico é aquele que assume sua própria condição existencial. Primeiramente, isso significa não reconhecer “nenhum absoluto estranho” ao seu viver, e, em segundo lugar, recusar valores incondicionados que subjugariam sua liberdade. Em relação ao primeiro ponto, o homem não deve buscar fora de si uma “objetividade inumana” que garanta sua existência. Ele não depende de um Deus para criá-lo e inseri-lo no mundo. Entendido como “ser-no-mundo”, ele mesmo é capaz de colocar-se diante das coisas e, por meio de suas próprias atitudes, dar significado à sua existência. Em decorrência disso, o homem deve recusar os valores supremos como guias da ação, pois, até mesmos tais valores e suas influências só surgem no mundo em decorrência das escolhas humanas. Com efeito, antes de o sujeito existir, nada há.

No entanto, o fato de o sujeito escolher as condições que norteiam sua existência, isso não implica que ele deve fazer qualquer coisa (uma espécie de *laissez-faire*). A fim de discutir tal questão, Beauvoir recorre a uma máxima comumente atribuída a Dostoiévski: “Se Deus não existe, tudo é permitido”. Para melhor compreender o alcance dessa sentença, cabe-nos recuperar um trecho do romance do referido autor russo, *Os irmãos Karamázov*, no qual Piotr Alieksândrovitch narra o momento em que Ivan Fiódorovitch, em uma discussão, afirma:

[...] em toda a face da Terra não existe terminantemente nada que obrigue os homens a amarem seus semelhantes, que essa lei da natureza, que reza que o homem ame a humanidade, não existe em absoluto e que, se até hoje existiu o amor na Terra, este não se deveu à lei natural, mas tão só ao fato de que os homens acreditavam na própria imortalidade. Ivan

Fiódorovitch acrescentou, entre parênteses, que é nisso que consiste toda a lei natural, de sorte que, destruindo-se nos homens a fé em sua imortalidade neles se exaure de imediato não só o amor como também toda e qualquer força para que continue a vida no mundo. E mais: então não haverá mais nada amoral, *tudo será permitido*, até a antropofagia. Mas isso ainda é pouco: ele concluiu afirmando que, para cada indivíduo particular, por exemplo, como nós aqui, que não acredita em Deus ou na própria imortalidade, a lei moral da natureza deve ser imediatamente convertida no oposto total da lei religiosa anterior, e que o egoísmo, chegando até ao crime, não só deve ser permitido ao homem, mas até mesmo reconhecido como a saída indispensável, a mais racional e quase a mais nobre para a sua situação. (DOSTOIÉVSKI, 2012, p. 109-110, grifo nosso).

Ora, diferentemente de um modo errante e facinoroso de conduzir a vida, ocasionado pela ausência de uma autoridade reguladora, esse suposto desamparo confere ao homem a responsabilidade total por seus atos, já que o significado das coisas é obra dele e não de um Deus ordenador e condutor do mundo. Assim, se o sujeito age de maneira insensata, cometendo, por exemplo, um crime ou algo semelhante, não há subterfúgios que possam isentá-lo de assumir seus atos. Ademais, ao negar uma moral instituída, uma série de problemas vem à tona: violência, antropofagia, egoísmo, crime, entre outros.

O fim da crença na imortalidade e na ideia de Deus, retratados no trecho acima, poderia sugerir uma ideia de caos, e, como indica a autora francesa, alguns poderiam confundir isso com a irresponsabilidade. Mas, ao contrário, se não há nada que regule as ações humanas, cada um torna-se comprometido com suas próprias atitudes. Cabe tão-somente ao homem assumir as consequências tanto de suas vitórias quanto de suas derrotas. Ou seja:

A liberdade é a fonte de que surgem todas as significações e todos os valores; ela é a condição original de toda justificação da existência; o homem que busca justificar sua vida deve querer antes de tudo e absolutamente a própria liberdade: ao mesmo tempo que ela exige a realização de fins concretos, de projetos singulares, ela se exige universalmente. (BEAUVIOR, 2005, p. 26).

O homem livre é aquele que inventa seu próprio destino e assume a responsabilidade pelas consequências de suas escolhas, dado que nenhuma “potência exterior” o determina a fazer algo, como se houvesse um plano predefinido. Ele é livre, porém não se trata de qualquer tipo de liberdade. Esta se afigura como ponto de partida para se alcançar os valores, pois apenas ela – a liberdade incondicional – é capaz de reger a vida humana. A liberdade ou sua condição de possibilidade não reside fora do homem, isto é, em um plano

metafísico, mas sim no terreno concreto das situações humanas. Assim, agir livremente e agir moralmente são uma única coisa, pois, ao exercitar sua liberdade²⁹ no mundo, o sujeito também afirma um tipo peculiar de moralidade, a qual fornece um caráter autêntico à liberdade, pois esta não é tida como uma propriedade do homem, nem, tampouco, como algo que possa ser conquistado, e sim como uma característica que se confunde com seu próprio modo de ser e que é inerente à sua subjetividade.

Assim, o poder de escolher e de se projetar numa ação é inerente ao homem. Trata-se de uma condição incontornável, já que, em todos os momentos da sua existência, ele precisa escolher. Se o sujeito escolhe, como no caso de Simone de Beauvoir, ser uma escritora, receber reconhecimento ou participar dos problemas políticos de seu tempo, ele deve diariamente fazer as escolhas que poderão levá-lo a alcançar esse fim. O homem tem um projeto que só será atingido por meio de atualizações constantes, isto é, por meio da invenção contínua e permanentemente de si mesmo.

Segundo Beauvoir, o projeto do homem pode sempre ser atualizado, isto é, ele pode, incansavelmente, almejar realizá-lo de modo concreto, pois, cada vez que reafirma seu projeto individual visando um fim, ele estará redesenhandando e manifestando a sua própria humanidade. A essa constante atualização, a autora designa de “liberdade criadora”. Porém, o homem não possui o poder de criar o mundo, mas apenas de desvelá-lo, o que não ocorre sem desafios e sobressaltos. Isso ocorre porque surgem obstáculos a esse processo de desvelamento, o que indica, recorrendo à afirmação de Descartes, que “a liberdade do homem é infinita, mas seu poder, limitado” (DESCARTES *apud* BEAUVOIR, 2005, p. 29). Aqui encontramos um outro problema que a referida autora apresenta nos seguintes termos: “Como a presença desse limite pode se conciliar com a ideia de uma liberdade que se confirma como unidade e movimento indefinido?” (BEAUVOIR, 2005b, p. 29). Ora, a singularidade de um projeto possui duas dimensões distintas, quais sejam: a de indicar essa limitação do poder e fornecer o próprio conteúdo do projeto, o que garante que ele pode ser executado. Trata-se de uma prerrogativa do sujeito fazer com que nada impeça a manifestação da sua liberdade. Ademais, é

²⁹ A esse respeito, Simons (2012, p. 351) afirma: “Beauvoir buscava descrever a liberdade humana tanto como um traço definidor da realidade humana quanto como uma experiência concreta de transcendência dos dados da realidade”.

exatamente essa escolha de um projeto que alcançará um caráter de universalidade, ou seja, a escolha se afigura como a única “arma” que o homem possui para enfrentar as situações do vivido³⁰.

Cabe sublinhar, mais uma vez, que o homem não é definível justamente em razão do fato de ele ser um projetar-se sempre inacabado. Ele não é algo dado, mas um ser em constante construção que, aliás, afirma seu projeto quando age. Somente dessa forma ele é capaz de romper as barreiras que o impedem de realizar-se. Tais obstáculos se apresentam ao homem de duas maneiras distintas, a saber: de forma natural e ao deparar-se com outras liberdades humanas. A respeito do primeiro tipo de barreira, temos que o sujeito possui uma dimensão natural, biológica. Assim, por exemplo, ao ver-se acometido de uma enfermidade, ele pode superar essa situação ao buscar um tratamento, uma cura, e essa recusa assume, então, um lado positivo. Sobre o segundo modo de restrição, a possibilidade de superação da adversidade se afigura mais desafiadora, visto que, ao se deparar com uma outra “liberdade humana”, ele pode ser reificado (coisificado)³¹.

De fato, as relações intersubjetivas são ambíguas e, consequentemente, podem alcançar tanto uma espécie de harmonia quanto de conflito. Para exemplificar essa última possibilidade, tratemos aqui da relação entre Françoise e Xavière³² descrita no romance *A Convidada*. Quando a primeira vê sua relação

³⁰ Acerca disso, eis o que diz Sartre: “[...] todo projeto por mais individual que seja, tem um valor universal. Qualquer projeto, mesmo o do chinês, do indiano ou do africano. Há universalidade de todo projeto no sentido de que todo projeto é comprehensível para todo homem. O que não significa de modo algum que este projeto defina o homem de uma vez para sempre, mas sim que ele pode ser reconhecido.” (SARTRE, 1978, p.16).

³¹ De acordo com Perdigão (1995, p. 99): “[...] não posso me ver como a consciência alheia me vê. Se os outros me fazem “gordo”, “menor de idade”, “vulgar”, etc., não posso sentir-me assim, tal qual uma “coisa petrificada” porque não posso me apreciar de fora”.

³² Personagens do romance *A Convidada* de Beauvoir (texto esse que inseriu a autora no universo literário). Nesse romance, retratado no período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial, a autora relata um triângulo amoroso, bastante tenso, que envolve os três personagens principais: Françoise, Pierre e Xavière. Os dois primeiros (intelectuais) vivem uma relação de cumplicidade e harmonia não apenas amorosa, mas também intelectual. No entanto, a chegada de Xavière, uma estudante, balança os alicerces desta união. Após ela passar a morar no mesmo hotel dos dois e, dessa forma, aumentar o contato com Pierre, este acaba se interessando por ela. Françoise se vê ameaçada e procura um jeito de afastar sua adversária. Tomemos aqui a descrição da aflição de Françoise, nos momentos que antecederam esse assassinato: “Em sua solidão, fora do espaço e do tempo, existia aquela presença inimiga, que há tanto tempo a esmagava com sua sombra. Lá estava ela, existindo apenas para si mesma, refletindo-se completamente nela mesma, reduzindo ao nada tudo aquilo que excluía. Na sua solidão triunfante, aquela presença continha o mundo inteiro, estendia-se sem limites; infinita, única. Tudo que a constituía, ela o tirava de si própria, recusando-se a sofrer qualquer domínio. E, no entanto, bastava baixar a alavanca do gás para aniquilar Xavière. “Aniquilar uma consciência. Como poderei?” Mas era possível que existisse uma consciência que não fosse a sua? Nesse caso ela não existia. Repetiu: “Ou ela ou eu”. E baixou a alavanca.” (BEAUVOIR, 1985, p. 485).

harmoniosa com Pierre ser abalada pela chegada da última (a convidada), o conflito se instaura, acarretando, ao final, o assassinato daquela. O outro pode nos coisificar, e nem sempre isso é aceito de bom grado. Esse triângulo amoroso exemplifica tal situação, pois o terceiro elemento foi eliminado drasticamente para que o “equilíbrio” do casal fosse restabelecido. Com efeito, na situação acima descrita não há esperança de um “retorno ao positivo” e isso caracteriza o que Beauvoir denomina de “situação-limite” em que as opções são drasticamente reduzidas. Todavia, ainda assim, resta a escolha da morte, pondo fim a toda possibilidade de projetos futuros, ou seja, em um caso extremo, se o homem não consegue tomar as rédeas de sua vida ainda lhe resta a possibilidade de dar cabo dela para aliviar sua angústia ou desespero.

Em face disso, Simone de Beauvoir apresenta a seguinte indagação: se para o homem sempre há uma possibilidade de realizar positivamente a sua existência, porque ainda encontramos pessoas que não escolhem esse caminho? Ora, a própria condição humana, como já foi dito, não traz em si a completude. O homem é, como indicamos no capítulo I, um “não-ser” que busca ser, porém, está sempre ao seu alcance agir de má-fé, visto ser muito mais fácil assumir uma postura já pronta ou ditada por outrem do que criar a sua própria. Assim, afirmar a existência e realizá-la positivamente exige um esforço para ultrapassar os obstáculos que tentam dificultá-la. Por esse motivo, muitos acabam optando pela inação que, aliás, também não deixa de ser uma forma de escolha ou ação.

A má-fé consiste na própria negação, por parte do sujeito, de sua própria liberdade. Ou seja, enquanto o homem autêntico é aquele que assume a sua liberdade, aquele que age de má-fé a nega. A má-fé é uma noção desenvolvida por Sartre, principalmente em *O ser e o nada*, pois, de acordo com Cabestan e Tomes (2002, p. 55, tradução nossa),

A má-fé não é pura e simplesmente uma mentira. Ela supõe a intenção de enganar a dualidade do enganador e do enganado. A má-fé – que Sartre opõe à autenticidade entendida como recusa <<à busca do ser>> (CPM, p. 492) – é uma mentira a si mesmo, consiste em mentir a si próprio sobre seu modo de ser.

Para exemplificar esse tema, podemos recorrer aqui à imagem do garçom do café apresentado pelo filósofo francês em seu ensaio de fenomenologia ontológica:

Tem gestos vivos e marcados, um tanto precisos demais, um pouco rápidos demais, e se inclina com presteza algo excessiva. Sua voz e seus olhos exprimem interesse talvez demasiado solícito pelo pedido do freguês. Afinal volta-se, tentando imitar o rigor inflexível de sabe-se lá que autômato, segurando a bandeja com uma espécie de temeridade de funâmbulo, mantendo-a em equilíbrio perpetuamente instável, perpetuamente interrompido, perpetuamente restabelecido por ligeiro movimento do braço e da mão. Toda sua conduta parece de brincadeira. Empenha -se em encadear seus movimentos como mecanismos regidos uns pelos outros. Sua mímica e voz parecem mecanismos e ele assume a presteza e rapidez inexorável das coisas. (SARTRE, 2009, p. 105-106).

Diante do exposto, vemos que o homem tem uma condição ambígua. Com efeito, ele tem a intenção de fazer-se ser, porém esse desejo está atrelado ao fracasso, visto que ele jamais coincidirá com algo pleno, acabado, isto é, jamais poderá realizar-se como ser. Contudo, ele pode recusar encerrar-se nesse fracasso, no desespero ou na inação. Isso porque suas ações, seus projetos, suas escolhas, alcançam o êxito na medida em que ele assume a sua ambiguidade. Ademais, já mostramos que é a partir de sua liberdade que ele funda os valores e realiza sua própria existência. Dessa forma, querer agir moralmente e querer ser livre indicam uma só coisa, visto que o que o impulsiona a agir é exatamente a “angústia que ele sente diante de sua liberdade” (SARTRE, 2009, p.34). A essa espontaneidade da liberdade criativa se opõe o que Beauvoir chama de “espírito de seriedade”.

2.3 O espírito de seriedade e o alcance da liberdade

O primeiro exemplo que Beauvoir nos fornece para explicitar o que vem a ser o mundo da seriedade é o da criança. Em seus termos:

O que caracteriza a situação da criança é que ela se encontra lançada num universo que ela não contribui para constituir, que foi moldado sem ela e que lhe aparece como um absoluto ao qual só pode submeter-se; aos seus olhos, as invenções humanas: as palavras, os costumes, os valores são fatos dados, inelutáveis como o céu e as árvores; isso quer dizer que o mundo em que ela vive é o mundo da seriedade, uma vez que o próprio espírito de seriedade é considerar os valores como coisas prontas. (BEAUVOIR, 2005a, p. 35)

Ora, vimos que ao homem é atribuída a capacidade de escolher e de assumir ou não a sua incompletude. Desse modo, há aqueles que assumem e decidem agir de modo autêntico e há os que optam por escamotear sua condição, agindo, assim, de má-fé. Esses não assumem a ambiguidade que lhes é inerente e procuram

adequar-se a modelos preestabelecidos, e isso caracteriza o que a autora denomina de “espírito de seriedade”. No exemplo supramencionado, a criança é lançada em um mundo que já está dado, os valores de bem e mal, as palavras, as coisas, tudo já está posto e cabe-lhe apenas respeitar as autoridades, a saber, pais e mestres. Ela sabe que se for bem comportada será recompensada, em contrapartida se for má ou rebelde será punida, de modo que sempre buscará se adequar ao papel de boa criança ou de “criança bem-comportada”, mesmo que, para isso, seja necessário reprimir os seus reais desejos e objetivos.

O que irá distinguir a criança do homem inautêntico é o fato de que aquela “escapa moralmente à angústia da liberdade”, pois lhe é conferido uma espécie de privilégio metafísico. Isso porque suas ações não se enquadram no mundo. Assim, enquanto a seriedade é imposta à criança, ao adulto é necessário que ele escolha ou consinta tal situação. Para elucidar essa sutil, porém profunda diferença, Beauvoir cita o exemplo dos negros e das mulheres. Todavia, aqui por uma questão de escolha pessoal, nós apresentaremos apenas o exemplo das mulheres. Segundo a autora, em muitas civilizações são impostos às mulheres leis, deuses, costumes e verdades pelos homens. A cada dia fica mais claro que nem todas que passam por essa situação a aceitam de bom grado, mas existem aquelas que consentem e até mesmo gostam da “infantilidade” a que são submetidas. Ademais, n’*O Segundo Sexo*, Simone de Beauvoir assevera que:

No momento em que as mulheres começam a tomar parte na elaboração do mundo, esse mundo é ainda um mundo que pertence aos homens. Eles bem o sabem, elas mal duvidam. Recusar ser o Outro, recusar a cumplicidade como homem seria para elas renunciar a todas as vantagens que a aliança com a casta superior pode conferir-lhes. O homem suserano protegerá materialmente a mulher vassala e se encarregará de lhe justificar a existência: como risco econômico, ela esquia o risco metafísico de uma liberdade que deve inventar seus fins sem auxílios. (BEAUVOIR, 1967, p.15)

Em suma, o espírito de seriedade é manifesto por pessoas que não assumem a ambiguidade de seu ser e, consequentemente, mergulham em um universo de má-fé ou inautenticidade. Retomando o exemplo da criança, embora ela, pouco a pouco, passe a questionar algumas coisas, é somente na adolescência que ocorre uma ruptura com o condicionamento imposto pelo “espírito de seriedade”. De fato, na adolescência os questionamentos são potencializados, pois, além de o jovem compreender que os valores foram criados pelos adultos, ele reconhece que tais

valores podem ser falhos. Além disso, o adolescente é motivado a engajar-se no mundo por meio de suas escolhas. A isso, a autora denomina de “escolha original”. A partir dessa fase conturbada de sua vida, o jovem tende a utilizar deliberadamente a liberdade que lhe é inerente. Ademais, é dele a escolha de viver inautenticamente, assim como quando criança, ou seguir em busca de autenticidade.

Para uma compreensão mais aprofundada desse “deslizamento” entre autenticidade e inautenticidade, a autora nos apresenta uma espécie de tipologia do comportamento humano, destacando cinco tipos de comportamento básico que vão do “sub-homem” ao “homem apaixonado”. Listaremos aqui esses comportamentos que demonstram as facetas que podem ser utilizadas pelo homem que escolhe não agir autenticamente.

Mencionaremos aqui o sub-homem, o qual podemos dizer que são pessoas apáticas que não ousam tomar decisões em suas vidas, e se deixam levar pela massa, ou melhor, são a massa de manobra da sociedade. Em seguida, apresentaremos o homem sério, o qual além de não refletir sobre suas escolhas elege um ídolo para manter o controle de sua vida. Há ainda o niilista, que radicaliza a noção de que suas atitudes não contribuem em nada para a humanidade e que sua existência é irrelevante. Esse “tipo” de homem reconhece sua incompletude, mas, simplesmente ao descobrir que fora de si não existe sentido no mundo, ele desiste da busca e se dá por vencido. O aventureiro – um outro tipo – é aquele que possui um objetivo a cumprir e não se importa com as consequências das suas ações, ou seja, falta-lhe o respeito a outrem, pois não possui escrúpulos. O apaixonado é aquele que se encerra em sua própria individualidade. Para este, apenas ele e sua paixão possuem importância, já que não busca relacionar-se com outrem. E, por fim, o homem autêntico é o que realiza sua liberdade com maestria, sendo atento e consciente de suas escolhas e das consequências dessas, agindo, assim, com responsabilidade.

O primeiro tipo mencionado é o daquele que ocuparia o lugar mais baixo da escala, a saber: o sub-homem. Nas palavras de Beauvoir (2005a, p. 40-41):

Existir é fazer-se falta de ser, é lançar-se no mundo; podemos considerar como sub-homens aqueles que se aplicam a reter esse movimento original; eles têm olhos e ouvidos, mas se fazem desde a infância cegos e surdos, sem amor, sem desejo. Essa apatia manifesta um medo fundamental diante da existência, diante dos riscos e tensões que ela implica; o sub-homem recusa essa paixão que é sua condição de homem, o dilaceramento e o

fracasso deste impulso para o ser que sempre erra seu alvo, mas por esse viés é a própria existência que ele recusa.

Se a liberdade humana reside exatamente na sua contingência, ou seja, no fato de que existe sempre um leque de possibilidades em aberto, é exatamente na recusa dessa liberdade que o sub-homem se fixa. Esse “tipo” de homem não possui interesse em legitimar o seu projeto, em realizar uma “escolha original”, em dar um verdadeiro sentido à sua existência, já que, de modo inautêntico, contenta-se com um comportamento resignado diante das situações as quais se encontra submetido, Ele adota papéis na sociedade em que vive, tornando-se “o professor”, “a motorista”, “o garçom”, o que podemos chamar de homem-coisa³³. Mesmo que suas ações demonstrem que ele não aceita a sua própria condição, ela existe. Ele não inventará o seu próprio caminho, pelo contrário, buscará sempre valores que já estão dados. Porém, mesmo que não assuma a sua liberdade e opte por usar “etiquetas”, isso ainda consiste em uma escolha. O sub-homem evita adotar uma postura autêntica a partir do momento que decide vestir roupagens pré-fabricadas às quais terá que adequar-se. Toda a negação de sua liberdade não faz dele alguém inofensivo, haja visto que, esses homens são a “mão-de-obra” utilizada pelos movimentos de “fanatismo da seriedade e da paixão”, ou seja, ele embarca cegamente em brigas que não são suas e das quais não possui consciência. Dito de outro modo, esses homens são feitos de fantoches por outros que os convencem a lutar por suas causas. Já que ele não possui nada que o leva a crer que tem algo a perder, a única coisa que ele teme é recuperar a consciência de si mesmo. Por este motivo, ele se encerra em uma espécie de apatia que o impede de viver autenticamente, pois se esquece da consciência de si, assemelhando-se, assim, aos fatos brutos da natureza que são o que são.

De certo modo, a atitude do “sub-homem” incide para a do “homem sério”, o qual tenta aniquilar sua subjetividade colocando diante de si um objeto. Vejamos:

O homem sério se desembaraça de sua liberdade pretendendo subordiná-la a valores que seriam incondicionados; ele imagina que o acesso a esses valores valoriza a ele próprio de uma maneira permanente; coberto de

³³ Podemos aqui fazer menção ao poema do Drummond no qual o mesmo fala: “Com que inocência demito-me de ser/ Eu que antes era e me sabia/ Tão diverso de outros, tão mim mesmo, Ser pensante sentinte e solitário/ Com outros seres diversos e conscientes/ De sua humana, invencível condição./ [...] Onde terei jogado fora Meu gosto e capacidade de escolher,/ Minhas idiossincrasias tão pessoais,/Tão minhas que no rosto se espelhavam/ E cada gesto, cada olhar /Cada vinco da roupa/ Sou gravado de forma universal (ANDRADE, 1984: 85-87).

“direitos”, ele se realiza como um ser que escapa ao dilaceramento da existência. (BEAUVIOR, 2005b, p. 43)

O sujeito detentor do “espírito de seriedade”, de acordo com a autora, foi tema em textos de Hegel, Kierkegaard, Nietzsche e, também, Sartre. O que diferencia o “homem sério” dos demais é o fato de que ele pautará sua existência em valores absolutos, incondicionados, assim como o faz o “sub-homem”, porém a isso se soma a preferência por um objeto. Ele se nutre de uma espécie de dependência em relação ao “ídolo” por ele eleito, o qual jamais será questionado. Desse modo, ora ele opta por viver em um mundo infantil ora em um mundo de seriedade. Ao recusar sua liberdade, tal sujeito abandona a sua identidade de homem e torna-se uma simples coisa.

A busca por uma vida estável o leva a viver os projetos dos outros e com isso, escamoteia a sua autenticidade. Assim, por ignorar sua subjetividade e a liberdade de sua escolha, o “homem sério” valoriza mais o objeto do que a si mesmo ou a outrem. E, nesse sentido, ele não hesita em aniquilar a vida de várias pessoas, se isso for necessário, para satisfazer o seu ídolo, que pode ser humano ou não-humano. E essa postura, como sabemos, deságua facilmente no fanatismo.

Ao abandonar o ídolo, o “homem sério” adota naturalmente a postura do sub-homem. Ele necessita de algo que garanta sua existência, por isso busca no ídolo uma direção ou razão para sua vida. Isso faz com que esse “tipo” de homem atue mecanicamente, apenas desempenhando as funções do papel que escolheu ou lhe foi imposto, seja ele um médico ou um comerciante. Ele exibe um completo desconcerto ao ter que agir fora desse padrão determinado. Assim, desprovido de sua humanidade, apenas lhe resta a submissão. Contudo, ao tentar livrar-se da angústia da liberdade, ele se vê atormentado por uma ameaça constante: a mentira e a impostura diante da existência. Quando isso ocorre, a ele resta apenas a fuga, que pode culminar em suicídio. Sua vida é permeada pelo medo que o torna, com frequência, dependente de um ídolo. Desse modo, há sempre um perigo iminente, já que seu ídolo é exterior a si e encontra-se também ao alcance de outros. Portanto, ele jamais poderá ser o senhor do seu próprio mundo. Ainda de acordo com Beauvoir (2005b, p. 47):

[...] incessantemente ele se declarará decepcionado, pois sua vontade de fixar o mundo em coisa é desmentida pelo próprio movimento da vida; o

futuro contestará seus êxitos presentes; seus filhos lhe desobedecerão, vontades estrangeiras se oporão à sua, ele será exposto ao mau humor e à amargura. Mesmo seus sucessos têm um gosto de cinza; pois a seriedade é uma das maneiras de buscar realizar a impossível síntese do em-si e do para-si; o homem sério se quer deus; ele não o é e sabe disso.

Em outros termos, esse homem é constantemente atormentado pela tensão atrelada à sua impossibilidade de transformar-se em coisa, em ser-em-si, deixando, ao mesmo tempo, de ser-para-si, liberdade³⁴. Ele tem consciência de que não possui esse poder, mas não deixa jamais de almejá-lo. Ele quer fazer-se Deus, contudo isso é impossível. Eis em que consiste a sua condição de “paixão inútil”. Assim, em vão, ele busca fora de si algo que só pode ser encontrado nele mesmo, a saber, o sentido da existência. Em sua tentativa de mascarar sua subjetividade, muitas vezes ele acaba sucumbindo ao niilismo, visto que os fins almejados se revelam inúteis. Ao comentar a obra de Nietzsche, Moura (2005, p. 24) avalia a origem dessa atitude:

[...] o niilismo faz sua irrupção quando o homem, que se acreditava parte de um todo organizado, um todo em que imperava uma unidade, em que ele se sentia em conexão profunda com esse todo que lhe é infinitamente superior, em que ele era um modo da divindade, descobre que não existe semelhante totalidade. Agora o homem perde a crença em seu próprio valor, visto que através dele não atua nenhum todo infinitamente valioso.

Como podemos notar, ao se decepcionar com um mundo por ele idealizado, o sujeito reconhece que não pode coincidir com o mesmo, passando a aceitar essa situação. O que irá diferenciar o niilista do sub-homem é o fato de que o primeiro se lançou no mundo, tentou dar significado à sua existência e, depois disso, reconheceu a sua incapacidade de fazer algo, resignando-se, assim, em adotar uma atitude positiva em face da negatividade que o caracteriza. Ao fracassar em sua empreitada de tentar coincidir com algo, o homem escolhe deliberadamente não ser nada, isso é o que caracteriza a atitude niilista. Essa postura se afigura danosa, pois:

[...] ela define o homem não como a existência positiva de uma falta, mas como uma falta no cerne da existência, ao passo que na verdade a

³⁴A grande diferença entre ser-em-si e ser para-si consiste no fato de que o primeiro está relacionado à forma que as coisas nos são apresentadas, ou seja é algo que está no mundo, já o outro é a consciência que, por sua vez, é um nada sempre impulsionado pelo desejo de ser.

existência não falta a si mesma enquanto tal. E se a liberdade é aqui experimentada sob uma forma de recusa, ela não se realiza autenticamente. O niilista tem razão em pensar que o mundo não possui nenhuma justificação e que ele próprio não é nada; mas ele esquece que lhe cabe precisamente justificar o mundo e se fazer existir legitimamente. (BEAUVOIR, 200b, p. 51)

O niilista parece coerente ao opor-se ao mundo da seriedade e ao reconhecer-se como um nada, porém ele negligencia o fato de que é necessário legitimar a sua existência, de modo a alcançar uma positividade. Ao homem compete exercitar a liberdade que lhe é inerente, sobretudo ao fazer suas escolhas genuínas, não se submetendo a modelos pré-estabelecidos. Apenas dessa maneira suas ações, pautadas na liberdade, podem ter sentido. Porém, o niilista tende a negligenciar esse fato. A partir do momento em que o homem passa a buscar uma desculpa para agir ou deixar de fazê-lo, ele se confina na inautenticidade. Quando assim procede, ele pode ser considerado apenas um “aventureiro”. Dito de outro modo, esse homem preocupa-se apenas com a conquista e não com o objeto desta. No entanto, Beauvoir destaca que há uma espécie de bifurcação dessa atitude, pois quando o “aventureiro” respeita e ajuda a outrem, sua atitude aproxima-se daquela considerada “autenticamente moral”. Assim, diz a autora:

Ele pode tomar consciência das verdadeiras exigências de sua própria liberdade; esta só pode se querer destinando-se a um futuro aberto, buscando prolongar-se pela liberdade de outrem; é preciso, portanto, em todos os casos respeitar a liberdade dos outros homens e ajudá-los a se liberarem. (BEAUVOIR, 2005b, p. 54)

Ao demonstrar o reconhecimento da liberdade de outrem e o dever de respeitá-la, esse homem age de maneira autenticamente livre. Porém, o “aventureiro” “[...] é aquele que permanece indiferente ao conteúdo, isto é, ao sentido humano de sua ação, aquele que acredita poder afirmar sua própria existência sem levar em conta a de outrem” (BEAUVOIR, 2005b, p. 54). Ou seja, esse homem não se preocupa com o outro, mas apenas com o prazer e a glória provenientes de suas ações.

Como podemos observar, o “aventureiro” possui uma meta a ser alcançada, não importando os meios que ele utilizará para tanto. Com efeito, ele nutre um certo desprezo pelos outros, os quais ele usará como meios para a realização dos seus fins, podendo até mesmo aniquilá-los se tentarem impedir sua empreitada. Na busca

de sua autoafirmação, ele, por exemplo, pode ser levado a aderir a regimes totalitários para garantir suas regalias ou interesses. Isso nos leva a pensar que a sua crença na liberdade é, na verdade, servidão a um ideal mesquinho ou a um poder exterior. Nesse sentido, a grande diferença entre essas duas categorias de homem é a seguinte: enquanto o aventureiro não reconhece a importância de outrem, não se incomodando de massacrá-lo para atingir seus objetivos, o homem autenticamente livre, por sua vez, demonstra comprometimento e preocupação em relação ao outro.

Beauvoir, em seguida, apresenta mais um “tipo de comportamento”: o do “apaixonado”. Este se caracteriza por não buscar nenhuma comunicação com o outro, pois ele se encerra em seu próprio “mundo”, onde apenas ele mesmo e seu objeto são reais. O que ele tem em comum com o “aventureiro” é que este também não dá importância ao outro, sendo, como vimos, capaz até mesmo de matar para alcançar seu objetivo. Há, com efeito, apenas uma saída para o “apaixonado”: “A paixão só se converte em liberdade autêntica se, através do ser visado – coisa ou homem –, destinarmos nossa existência a outras existências, sem pretender enviscá-las na espessura do *em-si*” (BEAUVOIR, 2005b, p. 59). Ou seja, a única saída possível para o “apaixonado” é relacionar-se com o outro sem a intenção de fazer dele apenas uma coisa ou um meio para sua própria satisfação.

Simone de Beauvoir utiliza essa espécie de tipologia a fim de ressaltar que o homem não está sozinho no mundo em que foi lançado, e que não apenas o outro existe como também se revela necessário à sua realização e autoafirmação. Essa condição, todavia, não conspurca a ambiguidade que lhe é constitutiva. Vejamos:

Mas, a ambiguidade está no cerne de sua própria atitude, pois o espírito independente é ainda um homem com sua situação singular no mundo, e que ele define como verdade objetiva é o objeto de sua própria escolha. Suas críticas caem no mundo dos homens singulares; ele não descreve apenas, toma partido. Se não assume a subjetividade de seu julgamento, é infalivelmente capturado na armadilha da seriedade. Em vez desse espírito independente que pretende ser, ele é apenas o servidor envergonhado de uma causa à qual não escolheu aliar-se. (BEAUVOIR, 2005b, p. 60)

Enfim, a questão central refere-se à singularidade do homem ou, mais precisamente, ao fato de que sua condição existencial é marcada por desafios, dramas, fracassos, mas também conquistas e realizações. Assim de um lado existe a incompletude que o caracteriza, mas, de outro, há a busca incessante de uma

significação para sua vida e suas ações. Nessa busca, o homem pode percorrer vários caminhos, escolher valores e decidir o que fazer de sua situação de contingência. Tais atitudes irão definir os “tipos” de homem descritos pela autora.

Por meio dessa “tipologia”, Beauvoir nos mostra as atitudes inautênticas realizadas pelos homens com o intuito de se libertarem da angústia de existir. Para atingir uma atitude autenticamente livre, de acordo com a autora: “o sujeito não deve buscar ser, mas desejar que *haja* ser; querer-se livre e querer que *haja* ser é uma única e mesma escolha: a escolha que o homem faz de si mesmo enquanto presença no mundo.” (BEAUVIOR, 2005b, p. 61, grifos da autora). Ou seja, o homem não deve buscar a cristalização de sua existência, “buscar ser”, coincidir com algo como ocorre nos exemplos mencionados. Do contrário, cabe a ele aceitar que não é algo determinado, é um nada, mas desejar ser, esse desejo de ser é necessário para mover suas ações. Para tanto, espera-se que defina seus projetos autenticamente e ao realizar isso, ele se depara com o outro, visto que: “nenhum projeto se define a não ser por sua interferência com outros projetos”. O homem autêntico é aquele que age livremente e moralmente e isso o faz querer o mesmo para os demais, como veremos no terceiro capítulo.

No momento em que o homem busca para si abrigos metafísicos, religiosos ou morais, tais refúgios fazem com que o sujeito deixe sua liberdade em segundo plano, quando, na verdade, deveria assumi-la como ponto de partida para guiar suas ações. Em suma, ele torna-se inautêntico. Outro problema a ser enfrentado consiste no fato de que, em sua caminhada, seja ela autêntica ou inautêntica, o indivíduo encontra o outro. Só há como realizar-se como sujeito autêntico no mundo dado. Com efeito, o mundo no qual ele se encontra lançado é também habitado por outrem e, ao afirmar a sua liberdade, ele, muitas vezes, entra em confronto com a liberdade do próximo.

3 UMA MORAL DA AUTORESPONSABILIDADE

No terceiro capítulo, trataremos do modo como a situação ambígua do homem influencia a sua conduta moral. Como vimos no segundo capítulo, o homem autêntico é aquele que ultrapassa a espontaneidade de sua condição, assume sua liberdade e, por conseguinte, decide agir moralmente. Ora, percebemos que o homem não está sozinho no mundo, pois, diante dele, existe o outro e, quando este assume a sua liberdade, ele, consequentemente, deseja o mesmo para os demais. Nossas atitudes afetam direta ou indiretamente o outro e somos responsáveis por tais ações.

3.1 A responsabilidade individual afeta outrem

Pelo que foi exposto até o momento, podemos afirmar que o existencialismo em si, ocupa-se da investigação a respeito do ser humano, mas não busca uma verdade, um destino, uma origem ou até uma ética, mas se ocupa de sua vida cotidiana e individual, aquilo que de fato lhe é intrínseco: a sua existência. Ele trata também do absurdo de não encontrarmos sentido no mundo a não ser o significado que o ser humano atribui à sua própria vida. Assim somos os únicos responsáveis tanto pela nossa felicidade quanto pela nossa infelicidade. Outro ponto relevante refere-se ao fato de que, no caso do existencialismo ateu, ao qual se filia Beauvoir, elimine-se a ideia de que existe uma autoridade reguladora que comanda a vida humana, e sim cada um responsável por si, o que aqui chamamos de autoresponsabilidade, base teórica da moral da ambiguidade.

Essa responsabilidade que devemos assumir por nossas escolhas pode causar certo desconforto, náusea, angústia. De acordo com Perdigão (1995, p. 112) podem surgir especificamente dois tipos de angústia, a saber: a angústia temporal e a angústia ética. A primeira relaciona-se com a obrigação de “criar eternamente aquilo que somos”, ou seja, somos caracterizados pela metamorfose e as escolhas que fizemos no passado não determinam nosso presente, da mesma forma como as opções presentes não garantem o nosso domínio sobre o futuro. Nosso projeto sofre atualizações constantes e, por sermos livres, podemos mudar a direção de nossas vidas a qualquer momento. Sobre o segundo tipo de angústia, Perdigão (1995, p. 113) afirma:

[...] constatada a nossa liberdade, advém a certeza de que os valores morais têm como único fundamento possível a nossa decisão de criá-los. A vida é permanente escolha, e, com cada uma de nossas escolhas, escolhemos o que somos, definimos a nós mesmos, por nós mesmos. A cada instante temos de optar por um valor, uma regra de conduta. O que nos angustia é saber que não temos a quem recorrer para orientar as nossas escolhas.

Não há uma receita pronta, um imperativo categórico ou uma lei universal que direcione nossas ações. Assim, cabem apenas a nós mesmos as escolhas e a responsabilidade por elas. Ou seja, os valores não nos são extrínsecos, mas sim intrínsecos, pois eles surgem da voz da nossa consciência. Nós atribuímos os valores de certo e errado, às ações e condutas humanas. Desse modo, escolha e valor estão contidos em nossas ações.

Essas escolhas individuais afetam não apenas a nós mesmos, mas também a outrem, isto é, elas possuem consequências. Disso decorre a importância de escolhermos adequadamente, visto que, tais escolhas fixam valores. Elas partem da subjetividade e alcançam a universalidade. Com efeito, ao escolhermos uma coisa em detrimento de uma outra, fazemos isso não apenas por nós, mas por todos os seres humanos. Dito de outro modo:

[...] não importa a vida que se leve, sempre o individuo, ao escolher-se, escolhe o universal, implica nos seus atos toda a humanidade, decide sobre aquilo que, a seu ver, convém ao Homem. Age, em suma, como se fosse o legislador universal. Daí porque cada um deve se preocupar com seus valores: afinal, que aconteceria se, de fato, todos os homens o adotassem? Nossa responsabilidade individual envolve toda a humanidade. É uma angustia moral: que valores devemos eleger que humanidade queremos estabelecer no mundo? Somos livres. Resta-nos descobrir o que devemos fazer com essa assombrosa liberdade. (PERDIGÃO, 1995, p. 115)

“Nossa responsabilidade individual envolve toda a humanidade”. Beauvoir assevera que o existencialismo não se encerra em um solipsismo porque o homem só se define por sua relação com o mundo e com os outros. Somos seres livres, no entanto, essas liberdades não devem ser vistas como isoladas, mas como um compromisso. Desse modo, o homem autêntico se compromete consigo mesmo e com o outro. Ele não se encontra sozinho no mundo no qual está lançado, ele é livre para fazer suas escolhas, porém é responsável pelas consequências das mesmas, visto que, atingem a outrem. Nos termos da filósofa francesa:

“[...] o indivíduo só se define por sua relação com o mundo e com os outros indivíduos, ele só existe ao transcender-se e sua liberdade só pode ser realizada através da liberdade de outrem. Ele justifica sua existência por um movimento que, como ela, irrompe de seu próprio cerne, mas desemboca fora dele. (BEAUVOIR, 2005b, p. 125)

Certas escolhas trazem consigo o peso de serem irreversíveis e, nesse caso, podem causar arrependimentos e sofrimentos por toda uma existência. Por isso, é importante termos discernimento para fazer boas escolhas, uma sociedade sábia, fará boas escolhas. O ser humano não fica preso em uma interioridade estéril, já que as suas ações afetam também a outrem, como veremos a seguir.

3.2 Liberdade libertadora

O existencialismo como vimos, considera que somos sujeitos absolutamente livres e por isso, foi acusado de pregar uma espécie de solipsismo. Porém aqui mostraremos que o homem autêntico e livre também deseja a liberdade para outrem, visto que somos seres sociais e não vivemos isoladamente. Como já apontamos, o homem autêntico é aquele que assume sua liberdade, e consequentemente, age moralmente, e, em decorrência disto, não aceita a opressão nem para si, nem para o outro. Desse modo fica caracterizada a preocupação de Beauvoir com as relações intersubjetivas. O homem autêntico renuncia a todo e qualquer ideal metafísico ou moral para justificar sua existência. Ele não aceita moldes ou figuras para determinar a si e a seu modo de agir. De acordo com Beauvoir (2005b, p. 126) “[...] ele deve assumir sua liberdade, e não fugir dela; ele se assume por um movimento construtivo: não se existe sem se fazer; e também por um movimento negativo que recusa a opressão para si e para outrem”. Ou seja, à medida que ele se constrói, surge também a recusa das limitações tanto para si, quanto para o Outro. A preocupação com a questão moral não significa que Beauvoir se preocupe em formular regras de conduta, haja vista que, como diz Daigle (2014, p.382) o seu foco é:

[...]com a natureza das relações interpessoais e com o florescimento dos seres humanos como indivíduos e como seres-com-os-outros – como seres intersubjetivos. Embora a ética seja sua principal preocupação, ela não está preocupada em criar prescrições éticas enquanto tais.

Ou seja, somos sim subjetividades, em contrapartida, não há como escapar das relações intersubjetivas. O homem se constrói na relação com os demais, e a partir das diversas situações vividas. Ademais para Beauvoir:

[...] o homem é homem através de situações cuja singularidade é precisamente um fato universal. Há homens que esperam ajuda de certos homens e não de outros, e essas esperas definem linhas de ação privilegiadas. Convém que o negro lute pelo negro, o judeu pelo judeu, o proletário pelo proletário, o espanhol na Espanha. É preciso apenas que a afirmação dessas solidariedades singulares não contradiga a vontade de uma solidariedade universal e que cada empreendimento finito esteja também aberto para a totalidade dos homens. (BEAUVOIR, 2005b, p. 116-117)

Isso nos leva a refletir acerca de como a liberdade se torna também libertadora. Ora, até o presente momento nos detivemos em analisar as considerações a respeito da condição humana partindo da subjetividade. Agora nos ocuparemos do exame da intersubjetividade, ou seja, de como essa liberdade se realiza nos *seres-com-os-outros*. Beauvoir concebe a sociedade como um conjunto de liberdades individuais entrelaçadas, ou seja, as escolhas de um indivíduo trazem consequências aos demais. O sentido da ação humana consiste no respeito à liberdade de escolha. Desse modo, a liberdade só se realiza moralmente nas relações intersubjetivas ou interpessoais. Com efeito, a autora nos oferece diversos exemplos que vão desde a política stalinista até as revoltas das Índias, com o intuito de demonstrar a oposição entre opressão e liberdade que se delineou por esse longo período. A esse respeito, afirma:

[...] seria absurdo contradizer uma ação libertadora sob pretexto de que implica o crime e a tirania: pois sem crime e sem tirania não poderia haver libertação do homem: não se pode escapar a essa dialética que vai de liberdade à liberdade através da ditadura e da opressão. Por outro lado, porém, seria condenável deixar o movimento libertador se fixar num momento que só é aceitável se se transformar em seu contrário, é preciso impedir a tirania e o crime de se instalarem triunfalmente no mundo; a conquista da liberdade é sua única justificativa e contra eles devemos, pois, manter viva a afirmação da liberdade. (BEAUVOIR, 2005b, p. 124)

Ou seja, liberdade e opressão são contrárias, porém a possibilidade da libertação ocorre como uma reação à opressão. Embora opostas, uma é necessária ao surgimento da outra. Para Beauvoir, a opressão é vista como um impedimento do

engajamento do homem, no movimento de construir sua própria situação, ou seja, um obstáculo à sua autenticidade. Ela representa uma indiferença em relação a liberdade individual e à liberdade de outrem, desse modo leva ao caminho inverso daquele proposto pela autora. Ao instaurar a recusa da tirania, o existencialismo alcança consequentemente a outrem. A concretude da liberdade encontra sua garantia nas relações intersubjetivas. Desse modo, analisaremos uma proposta de legitimação das relações morais entre os homens. Ao enfrentar a opressão e a violência a libertação se realiza concretamente, como veremos na próxima seção ao tratar do caso específico das mulheres, ou melhor, da construção da mulher diante das limitações impostas pela cultura patriarcal.

3.3 A libertação da mulher e o feminismo

Para compreendermos como a liberdade se concretiza por meio das ações humanas, avaliaremos a construção da ideia de mulher, a qual resulta de subjugação e de opressão por meio dos quadros habituais e culturais definidos pelo patriarcado. Assim:

A percepção que tinha Beauvoir da força do condicionamento social e das limitações da liberdade humana sugeridas em *Por uma Moral da Ambiguidade* adquirem profundidade e consistência em *O Segundo Sexo*, em que ela descreve o desenvolvimento histórico da opressão das mulheres como algo radicado na realidade biológica da função reprodutiva da mulher, em sua fraqueza física e na realidade ontológica do anseio do homem em escapar da liberdade em favor da garantia de uma dada superioridade, formalizada nas instituições econômicas impostas através de técnicas opressivas de socialização dos papéis do sexo e historicamente justificada numa ideologia sexista que permeia cada aspecto da cultura. (SIMONS, 2012, p. 351-352)

Podemos entender essa construção a partir de um trecho que a resume bem, a saber: “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”³⁵. (BEAUVOIR, 1967, p.9). Em *O Segundo sexo*, Beauvoir questiona sobre o que é ser mulher, e, por meio disso,

³⁵ Sobre esse trecho, diz Johanson, (2018, p.251-252): “[...] se a síntese dada na frase de Beauvoir “não se nasce mulher, torna-se mulher” não inaugura exatamente o existencialismo do ponto de vista precisamente filosófico, isto é, como problema, ela certamente o reinventa em termos muito precisos e, sem dúvida, bastante originais, pela via da sexualidade e do gênero. Além de abrir todo um campo conceitual para a filosofia, trazendo para dentro dela, e a partir do problema da ambiguidade do corpo sexuado da mulher, perspectivas, questões e problemas até então alijados dessa filosofia que se quer sistema, feita por filósofos arquitetos, no geral mega empreendedores (o que inclui Sartre) e - vejamos bem -, em todo caso, abnegadamente dedicados à universalidade, à totalidade da experiência humana”.

encontramos o tema da “liberdade libertadora” que só se realiza ao enfrentar a opressão e a violência. Ela inicia a análise pelos primeiros momentos da vida humana, em que não há uma distinção fisiológica ou psicológica entre macho e fêmea. Meninos e meninas logram os mesmos prazeres encontrados em um primeiro momento de sua existência. Após essa fase, a criança passa a vivenciar o drama existencial da vida humana: a relação com os outros. O que demonstra a existência de uma dependência em relação ao outro, dado que apenas ele é capaz de nos mostrar uma maneira de ser.

Ao perceber-se lançada em um mundo que lhe é estranho, a criança busca atenuar esse martírio criando para si uma imagem engessada, esperando que ela seja valorizada por outrem. Visto que ela só encontra a si mesmo no olhar deste. Ela busca esse alívio de duas formas distintas, porém complementares: negando a separação e buscando o apoio ou olhar do outro para se justificar. Desse modo, meninos e meninas, por volta dos quatro anos de idade buscam carinho e atenção não apenas da mãe, como de todos que a rodeiam. A própria Beauvoir (1958, p. 12) narra essa fase de sua infância: “continuava a crescer e sabia-me condenada ao exílio: busquei socorro em minha imagem. [...] Avós, tios, tias, primos e primas, uma família abundante assegurava minha importância”. Isso corrobora a importância do outro para a nossa auto-afirmação.

Com o passar dos anos, as diferenças vão se delineando. Enquanto o menino é instigado a reconhecer sua “superioridade masculina”³⁶ por meio da valorização do pênis, que é exibido com orgulho, a menina não possui permissão para explorar os seus órgãos genitais. Sobre a descrição deste processo, Gunella (2014, p. 12) afirma:

O homem crê apreender objetivamente a relação entre seu corpo e o mundo, ao passo que a mulher, por ter ovários e útero, está aprisionada em sua subjetividade. Enquanto o masculino indica transcendência, a mulher encontra em sua aparência, em sua carne, o símbolo da passividade e imanência, sua educação ensina-lhe a alienar-se em seu corpo, ele é feito para oferecer-se aos olhares, ao passo que o homem, que se apreende como atividade e transcendência, não se reconhece numa imagem, pois o corpo do homem não é por ele percebido como objeto de desejo, como coisa inerte dado à admiração.

³⁶ Sobre esse tema, acrescenta Beauvoir (1967, p. 20): “Possuindo um *alter ego* em que se reconhece, pode o menino ousadamente assumir sua subjetividade; o próprio objeto em que se aliena torna-se um símbolo de autonomia, de transcendência, de poder: o menino mede o comprimento de seu pênis, compara com os colegas a força do jato urinário; mais tarde, a ereção e a ejaculação são fontes de satisfação e desafio. A menina, entretanto, não pode encarnar-se em nenhuma parte de si mesma. Em compensação, põem-lhe nas mãos, a fim de que desempenhe junto dela o papel de *alter ego*, um objeto estranho: uma boneca.”

Essas diferenciações fazem com que, segundo a autora, a menina se sinta inferior. Enquanto o menino possui em si o seu duplo – o pênis – resta à menina uma boneca e a ela é imposta a mesma passividade que ao brinquedo. Ela é vestida, penteada e moldada conforme os padrões impostos pela sociedade. Por outro lado, o menino tem sua imagem vinculada a ação, independência, força e, por isso, a menina deve reportar-se a ele com respeito e sujeição. Ou seja, o menino é levado a afirmar-se como sujeito de si, a ser autônomo, enquanto que da menina espera-se submissão e, desse modo, que não busque se autoafirmar.

Esses dois seres: macho e fêmea, que outrora eram semelhantes, vão sendo construídos de maneiras diferentes. A educação é voltada para tornar a fêmea submissa. Da mesma forma, a literatura, como podemos citar o exemplo dos contos de fada, e até mesmo a religião, inculcam essa passividade em sua mente. Com isso atribui-se a mulher o papel de uma mera coadjuvante, enquanto o protagonismo fica por conta do homem. Ou seja, percebemos, assim, a existência de uma espécie de predestinação, um receituário que deve ser abraçado para alcançar rótulos, como o de dona de casa ou de mãe. De acordo com Beauvoir (1967, p. 22), não é que falte capacidade e ousadia à menina, mas ao ser levada a não exercer sua liberdade ela não ousará se afirmar enquanto sujeito, fazendo com que ela aceite ser subjugada pelo opressor. Dito de outro modo, a formação do feminino é responsável por incutir a inautenticidade no seio da mulher. A princípio, essas determinações não são aceitas de bom grado e surge uma fase de rebeldia, de modo que ela despreza o seu antagonista, ao mesmo tempo em que almeja participar da casta superior. Ademais, nem todas ousam rebelar-se, visto que isso traz consequências e responsabilidade, que, como já vimos, nem todos estão dispostos a assumir.

Nessas relações entre opressor e oprimido, há aqueles sujeitos que aceitam passivamente a subjugação e aqueles que se rebelam, sendo esse últimos os que denominamos no segundo capítulo de “autênticos”. Ainda sobre o ensaio *O segundo sexo*, Gatens (2006, p. 269, tradução nossa) afirma:

[...] em primeiro lugar, é um livro de moral, isto é, um livro que está preocupado com a investigação, em primeiro lugar, das responsabilidades dos seres humanos livres, segundo, os males da opressão e a cumplicidade com a própria opressão, em terceiro lugar, o escopo para a solidariedade entre os sujeitos cuja posição primordial é opor-se uns aos outros e tentar

reduzir o Outro a uma, coisa, e, finalmente, o meio pelo qual aqueles que têm sido objetivados e subordinados, podem libertar-se.

Seguindo a divisão senhor-escravo de Hegel aplicada à relação macho-fêmea, Beauvoir sugere que o homem se estabelece como sujeito livre e subjuga a mulher. Existe uma cumplicidade entre o dominante e o dominador, visto que os seres humanos buscam estima e admiração, o que só pode ser encontrado no outro, como nos aponta James (2006, p. 153). O homem é o componente de uma casta que possui maior valor tanto sexual, quanto social, existe um misto de estima e desprezo nessas relações. A diferença entre homens e mulheres tem sua base em questões biológicas e, desse modo, caracteriza-se como algo inevitável, diferente do que ocorre entre o senhor e o escravo, já que, nessa relação existem escapatórias para as diferenças hierárquicas. Do contrário, a mulher não pode escapar de ser mulher.

A mulher recebe um papel inerte e passivo, enquanto ao homem é atribuída a ação. A autora cita como exemplo disso a relação sexual. A passividade molda e limita suas ações. Se a mulher não reivindica seu status de sujeito, é porque lhe faltam os recursos ou porque sente-se satisfeita com um papel submisso. É contra essa aceitação e essa subordinação que Beauvoir se insurge e conclama as mulheres. Dentro desse contexto, é necessário esclarecer que isso:

[...] não quer dizer que O segundo sexo tenha o propósito, que de fato não tem, de fornecer normativas direcionadas ao que exatamente se deve fazer para libertar inteiramente a mulher das condições de opressão às quais historicamente tem sido submetida. Contudo, acreditamos que seja possível chegarmos, por meio da obra de Beauvoir, a algumas considerações gerais, diretrizes de caminhos possíveis no sentido da libertação e da autonomia da mulher. (JOHANSON, 2018, p. 252)

Ademais, como já indicamos, Beauvoir não pretende fornecer um plano de ação para que a mulher se liberte da inação a que foi submetida, mas, ela demonstra que existem outras possibilidades de como alcançar liberdade e autonomia, mesmo diante de sua situação singular e da qual não pode escapar, a saber: o fato de ter vindo ao mundo em um corpo feminino. A autora nos mostra como se dá a percepção dessa “inferioridade” a qual as mulheres são reduzidas e impelidas a aceitar de bom grado:

É uma estranha experiência, para um indivíduo que se sente como sujeito, autonomia, transcendência, como absoluto, descobrir em si, a título de essência dada, a inferioridade: é uma estranha experiência para quem, para si, se arvora. Um, ser revelado a si mesmo como alteridade. É o que acontece à menina quando, fazendo o aprendizado do mundo, nele se percebe mulher. A esfera a que pertence é por todos os lados cercada, limitada, dominada pelo universo masculino: por mais alto que se eleve, por mais longe que se aventure, haverá sempre um teto acima de sua cabeça, muros que lhe barrarão o caminho. Os deuses do homem acham-se em um céu tão longínquo que, em verdade, não há deuses para ele: a menina vive entre deuses de fisionomias humanas. (BEAUVOIR, 1967, p. 39)

Notamos aqui, que a mulher, diante dessas circunstâncias, percebe-se como o outro. Questões como a diferença que ocorre na puberdade quando aumenta ainda mais o valor conferido à genitália masculina, enquanto a menina experimenta a vergonha e a maldição que acompanham a menstruação, denotam essa condição de inferioridade. A puberdade traz em si um novo desafio para o qual nem sempre a menina é preparada. Incomodo e dores agora fazem parte de sua realidade, o medo de ser violentada, violada, de engravidar ou até mesmo de morrer no parto a fazem perceber o quanto a vida fora de seu lar é perigosa para uma mulher. Um mundo de privações se inicia, e dela se espera que encene o papel de *moça bem comportada*. Pudor, educação, boa aparência e higiene são duramente cobrados, visto que, são necessários para que arranje um marido. Ela é domesticada, domada pela família para que venha a se tornar uma esposa obediente. A responsabilidade por seu destino, que, até então, fora detida por seu pai, será, posteriormente, atribuída ao marido. Nisso consiste a inação, pois ao aceitar tudo que lhe é imposto, a mulher, consequentemente, abre mão de se autoafirmar enquanto sujeito livre e autônomo. Vejamos aqui o que diz Gunella (2014, p.14) a respeito da condição da mulher:

[...] com o esforço de pôr-se como Sujeito que é sempre ético, existe também a tentação de constituir-se como objeto através da fixação do ser. É essa ambigüidade constituinte de todo ser existente que se traduz na sociedade patriarcal quando se pretende que o homem assuma materialmente a mulher e responsabilize-se por justificar sua existência, de modo que não cabe a ela, assim, inventar seus próprios fins, mas aceitar o destino que lhe é dado de fora e que se caracteriza pela negação da liberdade. Trata-se de uma situação de alienação e passividade, porém, equivocadamente, mais fácil, já que se pretende com isso evitar a angústia e a tensão de ter que inventar sua própria existência.

A mulher é culturalmente adestrada para assumir um papel subordinado, inessencial, de objeto. Ou seja, ela é forjada para adequar-se a um papel

previamente escolhido para si e, desse modo, lhe restam poucas possibilidades de recusá-lo. Isso lhe confere o “gosto ácido de fruto verde”³⁷, visto que não lhe parece agradável esta tensão. Ainda acerca desse fenômeno Gunella afirma:

[...] o drama da mulher se caracteriza pelo conflito entre as exigências de uma situação que a define como inessencial e a reivindicação original de, como Sujeito que é, pôr-se como essencial. Definida historicamente pelo patriarcado como Outro absoluto, a mulher experimenta a degradação da liberdade em facticidade, da transcendência em imanência. Afinal, se, por um lado, o Sujeito se afirma concretamente por meio de projetos de transcendência, por outro, o que define a situação da mulher é “que sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição de Outro. (GUNELLA, 2014, p. 86)

Diante de tal situação, algumas mulheres recusam a imposição e se vêem dispostas a “fundar um matriarcado e não a tornar-se objeto erótico e criada” (BEAUVIOR, 1967, p. 74). Para a sociedade o “papel da mulher” consiste em satisfazer os desejos sexuais e alimentares do homem, ou seja, ela é criada para realizar as necessidades masculinas. Teoricamente ela deve ser doce, paciente e aceitar silenciosamente o que lhe é imposto. Todavia, ao reconhecer-se como sujeito, a mulher busca a liberdade que lhe é inerente e assume-se como a única detentora e responsável por suas escolhas, indo de encontro ás base culturais que lhe formaram.

Ao fundamentar a situação singular da mulher como um destino pronto, fechado, o opressor impede o desenvolvimento e a concretização de uma existência autenticamente livre, por parte do oprimido. A violência que ocorre nesse tipo de relação, se dá de modo mais relevante no campo ontológico. A opressão fere o ser da mulher, visto que, existir autenticamente implica em ser uma interrogação constante, um construir-se e, além disso, como já pontuamos, a recusa de valores abstratos.

³⁷ Para melhor compreensão do termo, vejamos o contexto do qual foi extraído: “[...] cumpre-lhe renunciar à sua soberania. Não somente ela é, como seus irmão e de uma maneira mais aguda, cruelmente atormentada entre o passado e o futuro, mas ainda um conflito se estabelece entre sua reivindicação original, que é de ser individuo em atividade, liberdade, e suas tendências eróticas e solicitações sociais que a convidam a se assumir como objeto passivo. Ela se apreende espontaneamente como essencial, de que maneira, pois, poderá concordar em tornar-se o inessencial? Mas se não posso realizar-me enquanto Outro, como renunciarei a meu Eu? Eis o angustiante dilema em face do qual a mulher em formação se debate. Oscilando do desejo ao nojo, da esperança ao medo, recusando o que almeja, está ainda em suspenso entre o momento da independência infantil e o da submissão feminina: é essa incerteza que lhe dá, ao sair da idade ingrata, um gosto ácido de fruto verde.” (BEAUVIOR, 1967, p. 74)

A questão posta por Beauvoir refere-se à libertação da mulher. Não há como uma mulher querer-se livre sem desejar o mesmo para as demais e, ao mesmo tempo, suas conquistas individuais atingem todo o grupo. Em decorrência da luta de determinadas mulheres singulares, ocorreram conquistas para toda a comunidade feminina. Assim, por exemplo, a luta individual de mulheres como: Mary Wollstonecraft na Inglaterra, Flora Tristan e Jeanne Deroin, na França, e Elizabeth Cady Stanton nos Estados Unidos, que, mesmo separadas geograficamente, suas obras e suas lutas apresentam vários aspectos em comum, principalmente a luta por igualdade de direitos e pelo sufrágio universal.³⁸ Direito ao voto, de trabalhar fora de casa, nomes destacados na ciência como Marie Curie, entre outras áreas, tudo conquistado e propagado às demais.

A mulher, portanto, não deve ser determinada por sua constituição biológica, pois ela é um ser que se constrói histórica e culturalmente. Ela se torna o produto do exercício de sua liberdade por meio de suas escolhas, da compreensão de sua ambiguidade e da valorização de seus projetos. O grande objetivo de Beauvoir em *O Segundo Sexo* é desconstruir o mito da natureza feminina, isto é, a mulher não nasce com um comportamento propriamente feminino, nem com qualidades e valores específicos, mas a sociedade impõe que ela seja educada para a passividade e servidão. Ela é coisificada, e, por isso, está predestinada aos papéis de dona de casa e mãe, ou seja, é educada para servir de objeto erótico e de criada para o homem. Porém, ela possui em si todas as armas para modificar esse cenário. Não há um destino biológico, pois tudo resulta de uma construção cultural. Desse modo, o mito da feminilidade não pode ser tomado como uma condição autêntica.

Disso decorre a importância de movimentos como o feminismo que conclama as mulheres a buscar o seu lugar de fala e se afirmarem como sujeitos livres e únicos protagonistas de suas existências. À mulher cabe escolher deliberadamente o projeto que deseja alcançar e o sentido que almeja para sua existência. E esse projeto é universalizado na medida de que o sujeito, enquanto mulher deseja o mesmo para os demais. Querer-se livre não é suficiente, pois é necessário também alcançar os outros. A grande tensão nas relações entre homens e mulheres reside na inautenticidade dos papéis que são por eles vivenciados. O que causa repulsa

³⁸ Cf ALVAREZ E GONZALES, 2010.

entre ambos é exatamente a má-fé de suas covardias individuais, visto que se trata da cristalização do ser em uma essência, o que, como vimos, não é aceito dentro do existencialismo.

A mulher é construída para ser um outro na medida que ao homem são conferidos os poderes da sociedade patriarcal. De acordo com Beauvoir (1967, p. 9) enquanto que o termo “homem” serve para denominar toda a humanidade, caracterizando-se, assim, como positivo, a mulher é vista como um “macho castrado”, ou seja, como o negativo. Desse modo, não se cobra do homem a sua justificação, pois ele não é algo singular, já que sua condição é universalizada. Entretanto a mulher por ela não se encaixar nesse padrão, exige-se que sua existência seja justificada. Assim as diferenças biológicas, como por exemplo, as genitais corroboram isso. Com efeito, enquanto o falo é tido como ativo e transcendente, os ovários e o útero remetem à passividade e a imanência. Assim, a mulher é definida não em si, mas em relação ao homem, o que a põe em estado de dependência em relação a este.

Embora a mulher, enquanto sujeito, seja liberdade, culturalmente lhe é imposta a condição de Outro, ou seja, embora seja sujeito, espera-se que aja como objeto, inerte, passivo. Ao aceitar essa imposição, ela nega a sua condição de sujeito, assumindo uma atitude inautêntica, que é o que se espera que faça. O esforço de se colocar como sujeito é algo que só se dá moralmente e caminha lado a lado com algo sedutor, que é a inação e, desse modo, engessamento e cristalização do ser em objeto. Essa aceitação é sedutora, pois com ela se evita a tensão e a angústia de inventar-se, criar seus próprios valores e desse modo assumir autenticamente sua existência.

Para alcançar uma atitude autenticamente livre e consequentemente moral cabe ao indivíduo libertar-se dos rótulos que lhe são culturalmente impostos. Na situação particular da mulher, dentro da perspectiva beauvoiriana, espera-se que não aceite os papéis que lhe são impostos e sim que assuma a ambiguidade e a liberdade inerentes a seu ser e a responsabilidade por suas escolhas. Essas podem ser as que já estão dadas e predefinidas, como também, pode-se optar pela novidade, por ousar escolher algo diferente daquilo que lhe é apresentado.

A ambiguidade carrega em si o comprometimento do indivíduo com ele mesmo e com o outro, desse modo, ao construir-se ele se depara com outrem. Ao querer-se livre, o homem deseja o mesmo para os demais. Desse modo as atitudes

singulares de pessoas distintas, atingem a humanidade como um todo. Ao aceitar uma vida inautêntica, o ser humano nega a originalidade de sua própria existência e a possibilidade de fazer-se.

Diante do que apresentamos, se uma moral da ambiguidade consiste na recusa do primado dos princípios supremos e que apela para o indivíduo assumir sua liberdade e o compromisso de combater a opressão, a proposta de Beauvoir, na referida obra, consiste em apresentar uma avaliação em termos morais das relações humanas que culmina com a institucionalização do sexismo, condenando a mulher a um papel secundário na sociedade. Ao afirmar que “ninguém nasce mulher”, ela nos mostra que não há uma natureza ou substancialidade que determine a feminilidade e seu lugar como Outro. Aceitar uma ideia de mulher é submeter-se “ao estado atual da educação e dos costumes” (BEAUVOIR, 1967, p. 7), dito de outro modo, significa aceitar os pontos de vista arbitrários e os hábitos arraigados de uma cultura desigual. Não nascemos macho ou fêmea, nascemos seres humanos e livres, porém o que irá caracterizar essa diferença é o processo de formação cultural. Quando esse assume uma feição tendenciosa, como de fato ocorre na cultura ocidental, é necessário desmistificá-lo para que a mulher possa inventar a si mesma, assumindo, assim, a sua condição humana, e, portanto, a sua ambiguidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que expusemos ao longo do texto, podemos concluir que o existentialismo ocupou-se do tema da moralidade ao difundir uma moral da ambiguidade. Porém ele não estipula normas, critérios ou planos de ação, visto que somos seres ambíguos, totalmente singulares e atitudes preestabelecidas não coadunam com esta individualidade. Não há como padronizar as ações humanas e isso não é um problema, pois podemos partir não do que nos distingue, mas daquilo que nos une, que nos torna humanos e, ainda assim, agir moralmente. Desprendidos de normas preestabelecidas ou de uma autoridade reguladora, nós possuímos sim a capacidade de agir moralmente e viver em uma sociedade harmoniosa.

Partir dessa singularidade, tão humana, para propor uma moral é a tarefa do existentialismo. Assim, não há mais desculpas ou subterfúgios para não se agir moralmente, haja vista que somos os únicos responsáveis por nossas escolhas e ações e pelas consequências dessas. Se o indivíduo não concorda com a realidade vivida pelo grupo ao qual pertence, seja ele étnico, religioso, de gênero ou qualquer que seja, cabe a ele mudar a sua situação. Não adianta apenas reclamar e permanecer na inação, o sujeito deve tomar as rédeas de sua existência.

A sociedade cria regras para viver pacificamente, mas as situações que vivenciamos nos empurram contra as mesmas, visto que nos parecem arbitrárias e controladoras, aprisionadoras. Surgem conflitos entre a nossa humanidade e o que a sociedade exige de nós. Agimos de formas que prejudicam a nós e a outras pessoas e suas propriedades. Um crime é um ponto de ruptura, por vezes somos vítimas, outras vezes somos infratores. Pessoas são falíveis, preconceituosas, ou seja, o ser humano é falho e as circunstâncias nos levam a situações difíceis e temos que tomar decisões duras, que nem todos irão compreender.

Frequentemente não temos capacidade de lidar com o caos que é a vida, nem sempre estamos preparados para golpes e choques. A vida é feita de escolhas, se decidimos evitar o enfrentamento estamos evitando a própria humanidade. Todos experimentam dor e sofrimento, mas mesmo que possa parecer que não há esperança e que não sabemos o que fazer, não há resposta certa ou errada, o que há são escolhas e cada um de nós deve procurar suas próprias respostas, mesmo

que pareça impossível, resta-nos tentar. Quando fazemos escolhas erradas, viver com as consequências pode ser o maior de todos os castigos (o próprio).

Desse modo, mesmo não oferecendo um plano de ação definido ou um receituário para ser seguido à risca, Beauvoir nos abre os olhos para um leque de possibilidades de ação e nos mostra que o agir é algo intrínseco à realidade humana. Assim, somos pura indeterminação, pura liberdade e cabe apenas a nós mesmos escolher o sentido que queremos dar à nossa existência, tendo em vista que somos os únicos responsáveis pelas escolhas que fazemos. Agir autenticamente e agir moralmente são uma mesma coisa. As ações fazem do sujeito a pessoa que ele é e ele tem a autonomia de escolhê-las, não sendo necessário se adequar a modelos de personalidade preestabelecidos, esteriótipos. Se Beauvoir rejeita regras de conduta para guiar as ações humanas, se deve ao fato de que é apenas *a posteriori*, na nossa experiência com os outros que se pode escolher uma conduta em relação a este. A grande questão é reconhecer o outro como liberdade.

Com efeito, a construção da ideia de mulher apresentada em *O Segundo Sexo* nos mostra concretamente como isso ocorre, visto que é resultado de um processo de subjugação e de opressão por meio de quadros habituais e culturais delineados pelo patriarcado. Isso confere à mulher um papel secundário na sociedade. Já que somos nós que escolhemos, por meio das constantes atualizações de nossos projetos, o nosso modo de vida, torna-se imprescindível lutar contra a condensação da mulher em um quadro fixo, que a impediria de realizar sua condição de ser humano, ou seja, de inventar-se livremente e, desse modo, moralmente.

Conclamamos todos a ousarem ser livres, ousar fazer escolhas deliberadas, experimentar o sabor da liberdade. E finalizamos com um questionamento: afinal qual o sabor da liberdade? Teria ela o sabor amargo do fel, que trava na boca, por trazer consigo a responsabilidade, ou, o doce sabor do néctar dos deuses que traz em si o prazer e a alegria?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAGNANNO, Nicola. **Dicionário Filosófico**. Tradução de Alfredo Bosi. 2^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ALVAREZ GONZALES, Ana Isabel. **As Origens e a comemoração do dia internacional das mulheres**. Tradução de Alessandra Ceregati. 1^a ed. São Paulo: Expressão Popular: SOF- Sempreviva organização Feminina, 2010.
- AGOSTINHO. **A graça de Cristo e o Pecado Original**. Tradução de Agustinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1998.
- _____. **Comentário literal ao Gênesis**. Tradução de Agustinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2005.
- ANDRADE, Carlos Drummond. **Corpo**. Rio de Janeiro: Record, 1984.
- ASCHER, Carol. **Simone de Beauvoir: uma vida de liberdade**. Tradução de Salvyano Cavalcanti de Paiva. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.
- BAIR, Deidre. **Simone de Beauvoir**. Traduzido do inglês por Marie-France Paloméra. Paris: Fayard, 1997.
- BEAUVOIR, Simone. **A Convidada**. Tradução de Vitor Ramos. 4^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985.
- _____. **A América dia a dia**. Tradução de Emília Rodrigues. Lisboa: Editora Arcádia, 19--.
- _____. **A Mulher Desiludida**. Tradução de Helena Silveira e Maryan A. Bon Barbosa. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.
- _____. **A Velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Editora Nova fronteira, 1990.
- _____. **Cartas a Nelson Algren**: um amor transatlântico. Texto estabelecido, traduzido do inglês e comentado por Sylvie Le Bon de Beauvoir; tradução e edição de Marcia Neves Teixeira e Antônio Carlos Austregesyo de Athayde. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- _____. Idealismo Moral e Realismo Político. In _____. **O Existencialismo e a sabedoria das nações**. Tradução de Manuel de Lima e Bruno da Ponte. 2^a Ed. Lisboa: Editorial Estampa LDA, [19--]
- _____. Literatura e Metafísica. In _____. **O Existencialismo e a sabedoria das nações**. Tradução de Manuel de Lima e Bruno da Ponte. 2^a Ed. Lisboa: Editorial Estampa LDA, [19--]

- _____. **Memórias de uma Moça Bem-Comportada.** Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1958.
- _____. **Na Força da Idade** vol. I. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961.
- _____. **Na Força da Idade** vol. II. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961.
- _____. O existencialismo e a sabedoria das nações. In_____. **O Existencialismo e a sabedoria das nações.** Tradução de Manuel de Lima e Bruno da Ponte. 2^a Ed. Lisboa: Editorial Estampa LDÁ, [SD]
- _____. Olho por olho. In_____. **O Existencialismo e a sabedoria das nações.** Tradução de Manuel de Lima e Bruno da Ponte. 2^a Ed. Lisboa: Editorial Estampa, LDA, [19--]
- _____. **O Segundo Sexo:** A Experiência Vivida. Tradução de Sérgio Milliet. 2^a ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- _____. **O Segundo Sexo:** Fatos e Mitos. Tradução de Sérgio Milliet. 2^a ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- _____. **Os Mandarins.** Tradução de Hélio de Souza. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. (Coleção Romances de hoje)
- _____. Pirro e Cinéias. In_____. **Por uma Moral da Ambiguidade seguido de Pirro e Cinéias.** Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005a.
- _____. Por uma Moral da Ambiguidade. In_____. **Por uma Moral da Ambiguidade seguido de Pirro e Cinéias.** Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005b.
- BORNHEIN, Gerd. **Sartre:** metafísica e existencialismo. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BURSTOW, Bonnie. A filosofia sartreana como fundamental da educação. **Educ. Soc.** Campinas, v. 21, n. 70, p. 103-126, abr. 2000. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-7330200000100007&lng=en&nrm=iso>. acesso em 06 de março de 2019.
- CABESTAN, P.; TOMES, A. **Sartre.** Paris: Ellipses, 2002. (Philo-Philosophes)
- CALADO, Eliana. **Literatura como projeto existencial:** a trajetória da escritora Simone de Beauvoir em sua narrativa autobiográfica. Revista Graphos, João Pessoa, v. 13 - n. 2. 2011.
- CARD, Claudia. Introduction: Beauvoir and the ambiguity of “ambiguity” in ethics.

In _____. **The Cambridge Companions to Simone de Beauvoir.** pp. 1-23. Cambridge Companions to Philosophy. Cambridge: Cambridge University Press. 2006. Disponível em: <<http://universitypublishingonline.org/cambridge/companions>>. Acesso em: 06 de abr. 2015.

CARDIM, Leandro N. **A Ambiguidade na Fenomenologia da Percepção de Maurice Merleau-Ponty.** 2007. 199 f. Tese (Doutorado em Filosofia)-Departamento de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://filosofia.fflch.usp.br/sites/filosofia.fflch.usp.br>>. Acesso em: 15 de março. 2015.

DAIGLE, Christine. Pensando com Simone de Beauvoir... e para além de. **Sapere Aude.** Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 381-392, 1º sem. 2014. Disponível em:<<http://www.periodicos.pucminas.br/index.php/sapereauda>>. Acesso em: 22 de mar. 2015.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Os Irmãos Karamázov.** Vol. 1. Tradução de Paulo Bezerra. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro. **As Mulheres na Filosofia.** Lisboa: Colibri, 2009.

GATENS, Moira. Beauvoir and biology: a second look. In _____. **The Cambridge Companions to Simone de Beauvoir.** pp. 266-285. Cambridge Companions to Philosophy. Cambridge: Cambridge University Press 2006. Disponível em: <<http://universitypublishingonline.org/cambridge/companions>>. Acesso em: 06 de abr. 2015.

GARCIA, Marco A. Simone de Beauvoir e a política. **Cadernos Pagu**, 12, p. 79-91, 1999. Acesso em 27 de out. 2018.

GASPAR, Adília Maia. **A Representação das Mulheres no Discurso dos Filósofos:** Hume, Rousseau, Kant e Condorcet . Rio de Janeiro: Uapê SEAF, 2009

GUNELLA, Elis Joyce. **Ontologia e ética n'O Segundo Sexo de Simone de Beauvoir.** 2014. 92 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Departamento de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-12122014-195339/pt-br.php>> Acesso em: 21 de mar. de 2015.

JOHANSON, I. **Moral da ambiguidade, liberdade e libertação.** 6ethic@ - Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, v. 17, n. 2, p. 239 – 257. Dez. 2018. Disponível em: <<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:I1tQdSY2HcwJ:https://periodicos.ufsc.br/index.php/ethic/article/download/1677-2954.2018v17n2p239/38233+&cd=6&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>> Acesso em: 23 de maio de 2019

KATZ, Juliana Albuquerque. Simone de Beauvoir's case for philosophical autonomy and the Possibilities with in the metaphysical novel. **SapereAude** – Belo Horizonte, v.3 - n.6, p.136- 147 – 2o sem. 2012.

KIERKEGAARD, Søren. **O conceito de angústia**: uma simples reflexão psicológica demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis. Tradução e notas Álvaro Luiz Montenegro Valls. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LANGER, Monika. Beauvoir and Merleau-Ponty on ambiguity. In_ **The Cambridge Companion to Simone de Beauvoir**. Cambridge Companions to Philosophy. Cambridge: Cambridge University Press 2006. Disponível em: <<http://universitypublishingonline.org/cambridge/companions>>. Acesso em: 06 de abr. 2015.

SILVA, Franklin Leopoldo e. **O conhecimento de si**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: São Paulo: Casa do Saber, 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A estrutura do comportamento**: precedido de uma filosofia da ambiguidade de Alphonse de Walhens. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

_____. **Fenomenologia da percepção**. 3^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006b. MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. Nietzsche: civilização e cultura. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Tópicos).

MÍRIAM DE MATOS ALMEIDA, Marlise. Simone de Beauvoir: uma luz em nosso caminho. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 12, p. 145-156, maio 2015. ISSN 1809-4449. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634811/2730>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

PENHA, João da. **O que é existencialismo**. São Paulo: Brasiliense, 2001. (Coleção primeiros passos; 61).

PERDIGÃO, Paulo. **Existência e Liberdade**: uma introdução à Filosofia de Sartre. Porto Alegre: L&PM, 1995.

REALE, G; ANTISER. D. **História da Filosofia Contemporânea - de Nietzsche à escola de Frankfurt**. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2006. (Coleção história da Filosofia; 6).

REYNOLDS, Jack. **Existencialismo**. Tradução: Cesar Souza. Petrópolis: Vozes, 2013.

RODRIGUES, Carla. **Tornar-se mulher**: devir feminista. Revista Cult. São Paulo, n^o 208, p.16-17, 2015.

SANADA, Elizabeth dos Reis. **A mulher e o (não) saber: um estudo psicanalítico sobre os avatares da sexualidade feminina**. 2006. 214 f. Tese (Doutorado em

Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo . Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/.../Amulhereonaosaber.pdf>>. Acesso em: 27 de jun. de 2015.

SANTOS, Magda Guadalupe. Alteridade, Facticidade e igualdade: leituras de Sartre, Beauvoir e Levinas no processo de radicalização da Metafísica no século XX. In: OLIVEIRA, Ibraim Vitor de; SANTOS, Magda Guadalupe dos (Org). **Tempos da Metafísica**. Belo Horizonte: Tessitura, 2011, p. 53-93.

_____. Memória e feminino em Simone de Beauvoir: o problema da recepção. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis , v. 20, n. 3, p. 919-937, Dec. 2012 . Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000300018&lng=en&nrm=iso>. Accesso em: 06 de Junho de 2019.

_____. Beauvoir e os paradoxos do feminino. **Revista Cult.** São Paulo, n. 133, mar. 2009. Disponível em:<<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/beauvoir-e-os-paradoxos-do-feminino/>>. Acesso em: 2 de mai. 2014.

_____. Beauvoir: paradoxos e interlocuções metodológicas. **Sapere Aude**.Belo Horizonte, vol. 03, n°06, p.271-297

SARTRE, Jean-Paul. **A néusea**. Tradução de Rita Braga. 12ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

_____. O existencialismo é um humanismo. In: _____. **O existencialismo é um humanismo; A imaginação; Questão de método**. Tradução de Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores).

_____. **O Ser e o Nada** – Ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução de Paulo Perdigão. 18ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. Os tempos modernos – Apresentação. In: BASTOS, E; RÊGO, W. (Org.). Intelectuais e política: a moralidade do compromisso. São Paulo: Olho d'água, 1999.

_____. **Situações I: Crítica Literária**. Tradução de Cristina Prado. São Paulo: COSAC NAIFY, 2005.

SASS, Simeão. **O problema da totalidade na ontologia de Jean-Paul Sartre**. Uberlândia, EDUFU, 2011.

SILVA, Maria de Fátima. Pirro e Cíneas: o para quê da ação humana. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, p. 298-309, jan. 2013. ISSN 2177-6342. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/4719/4997>>. Acesso em: 20 out. 2018.

SIMONS, Margaret. Beauvoir e Sartre: A questão da Influência. **Sapere Aude**. Tradução de Paulo Sartori. Belo Horizonte, v. 3, n. 6, p. 340-356, jul/dez. 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.pucminas.br/index.php/sapereaud>>. Acesso em: 9 de abr. 2014.

- _____. Two Interviews with Simone de Beauvoir. **Hypatia** v. 3, n. 3 (Inverno, 1989).
- SOUZA, Thana M. Tensão e Ambiguidade na Filosofia de Jean-Paul Sartre. **Trans/form/ação**. Marília, v. 5, n. 1, p. 147-166, jan. /abr. 2012. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/transformacao>>. Acesso em: 8 de abr. de 2015.
- TEIXEIRA, Pedro Rhavel. Literatura e metafísica na filosofia de Simone de Beauvoir. **Sapere aude** – Belo Horizonte, v. 8, n. 16, p. 508-521, ago./dez. 2017 – ISSN: 2177-6342
- VIANA, Márcia Regina. Liberdade e existência: os movimentos do existir em Simone de Beauvoir. **Revista estudos Filosóficos**. São João Del Rei, v. 5, p.118-129, 2010. Disponível em:<<https://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art9-rev5.pdf>>Acesso em:22 de nov. 2018.
- _____. A Literatura e a filosofia de Simone de Beauvoir. **História, imagens e narrativas**, n. 8, p. 1-6. Acesso em 2 de nov. de 2018.